

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA DA FILOSOFIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

PAUL RICOEUR LEITOR DE FREUD
O PAPEL DA ENERGÉTICA NA ARQUEOLOGIA DO SUJEITO

ALBA DE FATIMA KOSINSKI

CURITIBA
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA DA FILOSOFIA

ALBA DE FATIMA KOSINSKI

PAUL RICOEUR LEITOR DE FREUD
O PAPEL DA ENERGÉTICA NA ARQUEOLOGIA DO SUJEITO

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre do Programa de Pós Graduação em Filosofia do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.
Orientadora: Profa. Dra. Maria Isabel de Magalhães Papaterra Limongi.

CURITIBA
2017

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Kosinski, Alba de Fátima

Paul Ricoeur leitor de Freud: o papel da energética na
arqueologia do sujeito / Alba de Fátima Kosinski – Curitiba, 2017.
93 f.; 29 cm.

Orientadora: Maria Isabel de Magalhães Papaterra Limongi
Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Setor de Ciências
Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Hermenêutica. 2. Antropologia filosófica. 3. Arqueologia -
Sujeito (Filosofia). 4. Psicanálise - História. 4. Energia psíquica
(Psicanálise). I. Título.

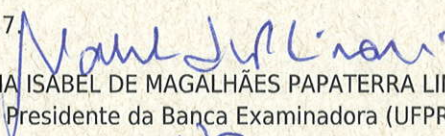
CDD 150.1952


ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM FILOSOFIA

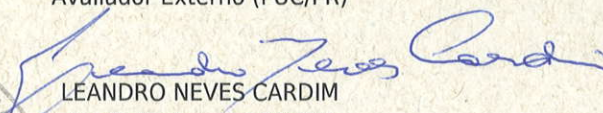
No dia treze de Junho de dois mil e dezessete às 15:30 horas, na sala 603, no Programa de Pós-Graduação em Filosofia - UFPR, do Setor de CIÊNCIAS HUMANAS da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos de arguição da mestranda **ALBA DE FATIMA KOSINSKI** para a Defesa Pública de sua Dissertação intitulada: "**Paul Riccoeur leitor de Freud: O papel da energética na arqueologia do sujeito**". A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em FILOSOFIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: MARIA ISABEL DE MAGALHÃES PAPATERRA LIMONGI (UFPR), FRANCISCO VERARDI BOCCA (PUC/PR), LEANDRO NEVES CARDIM (UFPR). Dando início à sessão, a presidência passou a palavra a discente, para que a mesma expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. A aluna respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais e, depois, solicitou que os presentes e a mestranda deixassem a sala. A Banca Examinadora, então, reuniu-se sigilosamente e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela aprovação da aluna. A mestranda foi convidada a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, MARIA ISABEL DE MAGALHÃES PAPATERRA LIMONGI, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

Observações: _____

Curitiba, 13 de Junho de 2017.


MARIA ISABEL DE MAGALHÃES PAPATERRA LIMONGI
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


FRANCISCO VERARDI BOCCA
Avaliador Externo (PUC/PR)


LEANDRO NEVES CARDIM
Avaliador Interno (UFPR)





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós Graduação em FILOSOFIA
Código CAPES: 40001016039P7

AVALIAÇÃO DE DISSERTAÇÃO

Mestrando(a): ALBA DE FATIMA KOSINSKI

Título: Paul Riccoeur leitor de Freud: O papel da energética na arqueologia do sujeito

Data: 13/06/2017

Hora: 15:30

Local: no Programa de Pós-Graduação em Filosofia - UFPR

Sala: 603

Integrantes da Banca Examinadora	Notas
FRANCISCO VERARDI BOCCA (PUC/PR)	9,5
LEANDRO NEVES CARDIM (UFPR)	10,0
MARIA ISABEL DE MAGALHÃES PAPATERRA LIMONGI (UFPR)	9,8
Média Final	9,7

Curitiba, 13 de Junho 2017



Dedico este trabalho aos meus filhos Mario Estevam Malschitzky e Yuri Malschitzky, pelo constante incentivo e por acreditarem em mim mais do que eu mesma.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por educar um ser inquieto como eu.

Agradeço a inquietude da minha alma que sempre me leva a lugares
inusitados.

Agradeço a todos aqueles que me acolhem nesta inquietude.

Agradeço a minha orientadora Professora Doutora Maria Isabel Limongi, por ter
me acolhido e orientado.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Filosofia da UFPR, na pessoa
do Coordenador Professor Doutor André Duarte.

Agradeço aos Professores Doutores Paulo Vieira Neto, Leandro Cardin,
Edmilson Paschoal e ao Professor Doutor Joel Alves Souza.

Agradeço a Aurea e a Mariana, pelo pronto atendimento.

*O nosso verdadeiro lugar de nascimento é
aquele em que lançamos pela primeira vez um
olhar de inteligência sobre nós próprios.*

Marguerite Yourcenar

RESUMO

O trabalho desta dissertação é acompanhar as reflexões de Paul Ricoeur, leitor de Freud, tendo em vista seu posicionamento crítico no contexto revisionista da recepção francesa a psicanálise. Ricoeur, ao se propor ler Freud sem intermediários encontrou varias demandas, uma delas é ultrapassar o humanismo francês para olhar mais próximo os limites do naturalismo freudiano. O livro *Da Interpretação: Um Ensaio Sobre Freud* é uma retomada de Ricoeur à obra de Freud, que se propôs uma leitura sem a influência dos pós-freudianos. O que nos interessa desta leitura é, pontualmente, a questão que podemos considerar o ponto nevralgico da teoria freudiana, traduzida na pergunta que Ricoeur se faz acerca da possibilidade integrar a força na interpretação do sentido. A integração de força e sentido, para além da questão epistemológica, é uma questão hermenêutica na arqueologia do sujeito, um conceito próprio de Ricoeur como lugar filosófico do discurso analítico. A psicanálise tem sido tema de debate no contexto da sua introdução na França e as consequências do seu afrancesamento tem sido relevante para o modo como atualmente a conhecemos. Hoje o que interessa a muitos dos novos leitores de Freud é justamente o diferencial oferecido por Ricoeur; a liberdade interpretativa ao pensar a psicanálise como uma hermenêutica, cujo método de análise é uma arqueologia do sujeito, sendo a hermenêutica o espaço de reflexão e liberdade.

Palavras-chave: Hermenêutica. Arqueologia do Sujeito . História da psicanálise. Energética. Pulsão.

ABSTRACT

The work of this dissertation is to follow the reflections of Paul Ricoeur, a Freud reader, considering his critical position in the revisionist context of French psychoanalysis reception. Ricoeur, by proposing upon himself to read Freud without intermediaries met several demands, one of which is to overcome French humanism in order to take a closer look at the limits of Freud's naturalism. The book: "Freud and Philosophy: An Essay on Interpretation" is a resumption of Ricoeur on Freud's work, which proposed a reading without the influence of the post-Freudians. What interests us in this reading is the exact question that we can consider the central nerve of Freudian theory, translated into the question that Ricoeur asks himself on the possibility of integrating the force in the interpretation of meaning. The integration of strength and direction, to a point beyond the epistemological question, is a hermeneutical question on the archeology of the subject, a Ricoeur's concept as a philosophical place of the analytic discourse. Psychoanalysis has been a subject of debate in the context of its introduction in France and the consequences of its Frenchification has been relevant to the way we currently know it. Today what matters to many new Freud readers is precisely the advantage offered by Ricoeur; the interpretative freedom by thinking psychoanalysis as a hermeneutics, which method of analysis is an archeology of the subject, being the hermeneutics a space of reflection and freedom.

Keywords: Hermeneutics. Archaeology of the Subject. Psychoanalysis history. Energetics. Instinctual impulse.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONTEXTO HISTÓRICO DA PSICANÁLISE NA FRANÇA.....	15
1.1 A leitura de Politzer	16
1.2 O legado de Politzer na cena filosófica francesa	22
1.3 A entrada de Paul Ricoeur em cena	27
2 A INTEGRAÇÃO DA ENERGÉTICA NA INTERPRETAÇÃO.....	36
2.1 O movimento do pensamento de Freud.....	42
2.2 O realismo da questão econômica.....	51
2.3 Energética: A semântica do desejo.....	53
3 A HERMENÊUTICA RICOEURIANA	61
3.1 A hermenêutica da psicanálise	61
3.2 A psicanálise como uma hermenêutica.....	66
3.3 Arqueologia do sujeito.....	70
3.4 O possível abandono da energética por Paul Ricoeur	79
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89

*Somos feitos da mesma matéria com a
qual construímos nossos sonhos.*

Shakespeare

INTRODUÇÃO

O trabalho desta dissertação é acompanhar as reflexões de Paul Ricoeur, leitor de Freud, tendo em vista seu posicionamento crítico no contexto revisionista da recepção francesa a psicanálise. Ricoeur, ao se propor ler Freud sem intermediários encontrou varias demandas, uma delas é ultrapassar o humanismo francês para olhar mais próximo os limites do naturalismo freudiano. O que nos interessa pontualmente é a questão que podemos considerar o ponto nevrálgico da teoria freudiana, traduzida na pergunta que Ricoeur se faz acerca da possibilidade de integrar a força na interpretação do sentido. A integração de força e sentido é uma questão relevante na proposta de ricoeuriana da arqueologia do sujeito e está posta no livro *Da Interpretação: Um Ensaio sobre Freud* (1977) e também no *Conflito das Interpretações*. (1978).

A arqueologia do sujeito é um conceito próprio de Ricoeur, central na sua perspectiva de leitura da psicanálise, e tem como definição o processo regressivo do sujeito pelos conteúdos inconscientes até os confins da pré-significação e das forças pulsionais. Este processo tem a consciência como tarefa, pois “a consciência é término, não origem” (RICOEUR, 1978, p.95), porque na marcha regressiva da arqueologia o sujeito revisa e atualiza, pela reflexão, o sentido simbólico dos conteúdos inconscientes, adquiridos ao longo da sua vida pregressa, cujo modo de manifestação se dá nas lacunas da consciência na forma de ideias distorcidas pela censura da barreira repressiva, tornando-se conscientes por formas naturais ou pelo trabalho analítico.

Neste processo de arqueologia, Ricoeur entende o sistema tópico/econômico de Freud, com seu mecanismos de descargas que atuam no sistema psíquico como um sistema de forças pulsionais, traduzido no termo energética, como fundamental para a arqueologia do sujeito no

desapossamento da consciência. Uma vez a consciência tendo sido deslocada pela força, os conteúdos inconscientes se manifestam nas lacunas da consciência através dos sonhos, lapsos e chistes, para, então serem analisados pelo sentido que evocam.

A diferença de Ricoeur no contexto histórico da recepção francesa da psicanálise consiste, justamente, em recuperar a relevância dos mecanismos da energética que foram relegados pelas gerações dos pós-freudianas, herdeiros de Politzer, e dos movimentos acadêmicos e psicanalíticos que se seguiram na recepção a psicanálise na França. Para Ricoeur, a força tem relevância no deslocamento da consciência e, segundo veremos no desenvolvimento desta dissertação, mais precisamente no capítulo dois, no item intitulado *A Semântica do Desejo*, a força pode ser interpretada pelo sentido na sua intensidade, que seria, segundo Ricoeur, a medida não quantificável da semântica do desejo, isto é, da linguagem do desejo.

Portanto, Ricoeur toma o processo psicanalítico de Freud como uma arqueologia que tem na energética a força atuante no processo e, esta, a arqueologia, como “o lugar filosófico do discurso analítico” (RICOEUR, 1978, p.95) para reflexão sobre o sujeito. O “lugar filosófico” para uma reflexão sobre as questões que o “discurso analítico” evoca para filosofia, no caso desta dissertação, é a questão que Ricoeur tira do freudismo concernente ao sujeito. Conforme nos avisa Ricoeur, a questão filosófica sobre o sujeito não é uma preocupação que aparece em Freud, mas é busca constante na hermenêutica ricoeuriana, justamente porque considera que o lugar filosófico de toda discussão epistemológica sobre psicanálise deve ser recolocada no campo da reflexão sobre o sujeito, sendo a arqueologia o processo. O aprofundamento deste conceito será tratado no capítulo três desta dissertação, no item intitulado *Arqueologia do Sujeito*.

Para justificar o itinerário pelo qual seguiremos a leitura peculiar de Freud feita por Ricoeur, nossa pesquisa começa pelo contexto histórico da psicanálise na França, porque o problema de “integrar força e sentido” não está em Freud, mas em Ricoeur como decorrência da sua nova perspectiva em relação à recepção francesa do freudismo. Ricoeur elabora sua argumentação de integração tendo em vista sua crítica ao movimento revisionista dos filósofos franceses que privilegiou o sentido em detrimento da força.

A psicanálise tem sido tema de debate no contexto da sua introdução na França e as consequências do seu afrancesamento tem sido relevante para o modo como atualmente a conhecemos. Hoje o que interessa para muitos dos novos leitores de Freud é justamente o diferencial oferecido pela leitura de Ricoeur e a liberdade interpretativa ao pensar a psicanálise como uma hermenêutica, cujo método de análise é uma arqueologia do sujeito, que leva em conta a questão energética freudiana, sendo a hermenêutica o espaço de reflexão e liberdade para pensar o sujeito e compreender-se a si mesmo. (RICOEUR, 1977, p.343). O conceito de hermenêutica ricoeuriano será tratado no capítulo três em *A Hermenêutica Ricoeuriana*.

A abordagem de Ricoeur aos textos de Freud é sistemática e de difícil acesso ao leitor. Há uma demanda reflexiva que não se fecha prontamente. Muita leitura é necessária. Muito pensar sobre também é. Só depois de certa familiaridade é que podemos ousar escolher um modo de ler e interpretar os caminhos por ele delineados nas suas obras. A ousadia deste projeto é dizer que Ricoeur era um homem em busca do entendimento do sujeito vivo, completo e presente nas suas ações e um filósofo que trabalhou no sentido de traduzir esta vida vivida na linguagem e na ação. Freud foi um dos instrumentos ao qual a filosofia ricoeuriana recorreu para se traduzir, em dado momento, principalmente naquilo que é o cerne da psicanálise, o inconsciente com suas mensagens do outro dentro de nós.

Conhecer o contexto histórico da introdução da psicanálise na França é necessário e interessante para visualizar os conceitos implicados numa transformação cultural e filosófica para a qual a psicanálise teve a sua importância. Para cumprir tal requerimento, o primeiro capítulo deste trabalho se dedica ao contexto histórico da psicanálise na França levando em conta que a recepção das teorias de Freud pelos franceses implicou um grande movimento cultural, acadêmico e clínico, contudo polarizado, pois a ideia um tanto determinista que poderia estar implicada no “biologismo” freudiano, não agradava aos filósofos franceses. Analisamos também a entrada de Paul Ricoeur, em certo momento deste contexto, e as ressonâncias de sua proposta de lançar um olhar para além do contexto do humanismo da época, visando um entendimento da psicanálise de forma direta com os textos de Freud.

No segundo capítulo, seguiremos Ricoeur nas suas diretrizes para pensar o discurso freudiano, de forma que a psicanálise como uma hermenêutica, no processo de arqueologia, pudesse traduzir a natureza humana levando em conta o naturalismo da energética. Para buscar argumentos nos aprofundamos na pesquisa do inconsciente freudiano e na teoria das pulsões e nos aprofundamos também na proposta de Paul Ricoeur de integrar força e sentido. Nossa tentativa é levantar as consequências e dificuldades da manutenção desta proposta levando em conta o realismo das questões econômicas, o movimento do pensamento de Freud e a energética como a linguagem do desejo, bem como discutir os limites da psicanálise como uma hermenêutica.

No terceiro capítulo nos dedicamos à exposição do argumento de que Ricoeur será mais bem compreendido quando o avistamos como um hermeneuta e a partir de uma hermenêutica. Para isto nos dispusemos a fazer uma breve descrição da hermenêutica ricoeuriana e da sua visada da psicanálise como uma hermenêutica. Nela procuramos responder a pergunta: o que Ricoeur tira de Freud para uma hermenêutica, cuja resposta, sem dúvida, é a arqueologia do sujeito para a qual dedicamos o item intitulado *Arqueologia do Sujeito* onde nos aprofundamos neste conceito que consideramos o centro de toda reflexão de Ricoeur. No mesmo capítulo, dedicamos o item intitulado *A Hermenêutica da Psicanálise* para descrever os caminhos que levaram Ricoeur a Freud a partir do livro *A Simbólica do Mal*.

No quarto capítulo nos dedicamos às considerações finais do meu encontro com Freud, pela leitura de Ricoeur, e a grata satisfação de conhecer mais a fundo o desconhecido Paul Ricoeur e seu posicionamento humano, traduzido na página de apresentação da Association Paul Ricoeur “*vivre bien, avec et pour les autres, dans des institutions justes*”.

As principais obras de Ricoeur utilizadas para a pesquisa foram *Da Interpretação: Um Ensaio Sobre Freud* (1977), ao qual passaremos a nomear na sequência simplesmente de *Da Interpretação*. Também utilizamos o *Conflito das Interpretações* (1978), *Escritos e Conferências I: Em Torno da Psicanálise* (2010), *Autobiografia Intelectual*. As obras de Freud envolvem problemas de tradução e para resolver questões práticas de acesso, utilizamos a Edição Standard Brasileira, mas sempre tendo como maior referência as *Obras*

Completas de Sigmund Freud da Editora Amorrortu Argentina. Para o contexto deste trabalho não nos detemos nos problemas concernentes à tradução dos termos e conceitos freudianos. As obras de Freud, fundamentais para esta pesquisa, foram: *Projeto para uma Psicologia Científica*, que passaremos a nos referir simplesmente por *Projeto*, *A Interpretação dos Sonhos*, *A História do Movimento Psicanalítico*, *Artigos sobre a Metapsicologia e Outros Trabalhos*, além das *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* e outros textos de Freud apontados nas referências.

Utilizamos também muitos autores como Roberto Monzani dado sua extensa e importante pesquisa sobre a psicanálise no Brasil, também Bento Prado Junior, Richard Simanke e outros autores citados ao longo do texto, que estão devidamente apontados nas referências. Também utilizamos referências e informações do site mantido pelo Fonds Ricoeur em Paris, que disponibiliza uma extensa bibliografia e informações sobre Paul Ricoeur.

1 CONTEXTO HISTÓRICO DA PSICANÁLISE NA FRANÇA

Para este projeto, apresentar o contexto histórico da recepção da psicanálise na França, tem sua importância por mostrar os caminhos pelos quais o freudismo passou no processo de afrancesamento. Auxilia-nos na compreensão das transformações impostas pelos pensadores e na avaliação do papel de Paul Ricoeur quanto a sua interpretação de Freud, principalmente seu posicionamento crítico ao revisionismo aplicado às teorias da psicanálise, devido tendências culturais da época.

O presente capítulo tem a função de acompanhar o percurso histórico da recepção francesa do freudismo sem, contudo, entrar no mérito dos autores citados, de forma que nos seja suficiente para esclarecer a opção de Ricoeur em fazer uma leitura direta de Freud, justamente com a intensão de olhar mais próximo àquilo que os franceses optaram ignorar: os limites entre afeto e representação, *locus* do rejeitado “naturalismo” das teorias da psicanálise, justamente onde o afeto se insere no psíquico por um investimento de forças.

O interesse pelas ideias de Freud na França não teve seu início unicamente na área clínica. Segundo Roudinesco (1986, p. 17) “desde 1914, o interesse pela psicanálise existe num amplo setor do pensamento francês”, citando as diferenças entre a “via literária”, do surrealismo francês, e a “via médica” como possíveis introdutores do freudismo. O fato é que “tanto a via literária quanto a via médica participam de um processo único onde a resistência às teorias vienenses é o sintoma de seu ativo progresso”. (1986, p. 17 nota 2 de Pierre Daix).

Do lado literário, a psicanálise tende a ser reivindicada como a expressão de uma descoberta autêntica, ao passo que, do lado médico, ela é adaptada aos ideais de um suposto espírito latino ou cartesiano. Deste modo, é simultaneamente reconhecida de duas maneiras contraditórias. A aceitação de uns e a resistência de outros pertencem a um mesmo fenômeno ideológico. Nos dois casos, a batalha se trava, o terreno está confiscado e a implantação é efetiva. (ROUDINESCO, 1986, p.18).

As teorias freudianas abriram um campo de possibilidades aos poetas surrealistas que chegaram a passar pelas cátedras da medicina, como André

Breton. Seja qual tenha sido a via para a introdução do freudismo, não há como se furtar às polêmicas, pois “não existe boa assimilação de uma doutrina, mas apenas falsos reconhecimentos, feitos de visões deformadas”. (ROUDINESCO, 1986. p. 18).

1.1 A leitura de Politzer

Se o surrealismo e a psiquiatria médica dialogaram com a psicanálise, também o fez o marxismo. Até mesmo Trotsky, em 1909, quando esteve em Viena, frequentou as reuniões dos psicanalistas, e embora os franceses fossem simpáticos ao marxismo, havia neles uma hostilidade latente em relação à psicanálise. Podemos tributar tal hostilidade a vários motivos, mas dois deles, especificamente, são os que mais aparecem nas literaturas que comentam a época, ou seja, primeiramente a França já tinha seus próprios pesquisadores nas figuras de Pierre Janet e Jean Martin Charcot, com estudos sistemáticos na área da psicologia. O segundo motivo é o abalo ao cartesianismo francês e a psicologia introspectiva, baseados nos dados imediatos da consciência, com a introdução do conceito de inconsciente.

Politzer foi o pioneiro dos filósofos a opinar sobre a psicanálise. Jovem militante marxista de origem húngara desembarcou em Paris em 1922 onde encontrou uma atmosfera fervilhante, tanto na política quanto na cultura, da qual participou freneticamente, publicando artigos em revistas e também o livro *Crítica dos Fundamentos da Psicologia* em 1928, na qual fez severa crítica à psicologia clássica e conservadora, bem como à psicologia experimental, apontando o cientificismo de Wundt e afins com seus laboratórios e logaritmos como “miséria” e “o reino do formalismo insípido” (POLITZER, 1968. p.17). Sua atuação no contexto cultural francês foi curta, mas marcante, sendo considerado como aquele que inaugurou o modo revisionista que caracterizou a recepção francesa da psicanálise, cuja importância no futuro das interpretações do freudismo está bem aquilatada no texto de Bento Prado Junior: *Georges Politzer: Sessenta Anos da Crítica dos Fundamentos da Psicologia*, do livro *Filosofia da Psicanálise*. (1991)

Politzer tem como alvo de suas críticas a psicologia clássica, termo que engloba várias linhas da psicologia. Segundo ele, “a crítica kantiana¹ da psicologia racional já deveria ter arruinado definitivamente a psicologia” (POLITZER, 1968. p.29) e acusa esta mesma, a psicologia, de aderir a uma ideologia burguesa, substituindo o cristianismo por uma mística da vida interior. “A psicologia clássica é, portanto, duplamente falsa: é-o perante a ciência e perante o espírito”. (POLITZER, 1968. p.32)

Ao exemplo de outras áreas do conhecimento que se aproximaram do materialismo histórico, Politzer propõe uma psicologia concreta colocando a psicanálise como modelo renovador da psicologia. A descoberta do sentido do sonho e o complexo de Édipo serão considerados por ele como descobertas verdadeiras, dando ao sonho o estatuto de um fenômeno, um fato que faz parte da vida, definindo “vida como um fato biológico, uma vida propriamente humana, a vida dramática do homem”, (POLITZER, 1968. p 27) alertando em nota de rodapé que “*drama* é um fato, abstraído das suas ressonâncias românticas. Pedimos, pois ao leitor para se habituar a esta concepção simples do termo para esquecer o seu significado comovedor.” (POLITZER, 1968. p.27)

A leitura de Politzer foi provocativa e renovadora, o que não o impediu de, mais tarde, se voltar completamente contra a psicanálise. Há especulações de exigências partidárias. Entretanto, em duas conferências (1963-1964), nomeadas de *Psicanálise e Ciências Humanas*, apresentadas por Althusser, este aponta que certamente foi através da leitura da obra de Politzer, e de sua crítica, que Maurice Merleau-Ponty e Jean Paul Sartre inseriram a psicanálise nas suas reflexões filosóficas (Le Livre de Poche, 1996, IMEC, p. 33,34-36).

Dado a importância de Politzer como originário da recepção francesa à psicanálise, bem como inspirador de muitos filósofos e analistas, entre eles Ricoeur, buscamos entender sua proposta de uma psicologia concreta, de forma a pautar os pontos principais do seu requerimento. O livro *Crítica aos*

¹ Segundo Kant, em seus *Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza* (1989, p. 32-33), a psicologia empírica para se provar como ciência propriamente dita deveria: descobrir o seu elemento de modo similar à química, para com isto efetuar análises e sínteses, ou seja, o objeto de estudo deveria ser definindo de forma objetiva. Facultar a esse elemento um estudo objetivo, em que sujeito e objeto não se misturem como na introspecção, ou seja, o método deveria ser objetivo. Produzir uma matematização mais avançada que a geometria da linha reta, apta a dar conta das sucessões temporais da nossa consciência (o sentido interno), ou seja, para que fosse ciência a psicologia empírica deveria ser quantificável.

Fundamentos da Psicologia navega em três temas, o primeiro trata da crítica à psicologia clássica, o segundo trata do esboço da sua psicologia concreta, a qual se inspira na psicanálise, e por terceiro tece algumas críticas à psicanálise, apontando o risco de que esta recaia no erro da introspecção da psicologia clássica.

Quando Politzer critica a psicologia clássica está se referindo às diversas escolas da época, conforme já anotamos acima, apontando a necessidade de ultrapassamento das questões que as caracterizam, como a psicologia objetiva de Wundt que se fundamenta em dados experimentais de laboratórios e toma como modelo as ciências da natureza. Nesta escola o sujeito é observado quanto aos fatos físicos e funções fisiológicas. Para Politzer esta escola tenta objetivar o homem em termos quantitativos, afastando-se do psíquico.

A escola da psicologia subjetiva, por outro lado, recebe a crítica de Politzer por estar orientada para introspecção que se fundamenta naquilo que ele considera ser a mística burguesa, a vida interior. Além disso, a crítica de Politzer quanto ao método introspectivo deve-se ao próprio método subjetivo no qual o próprio sujeito é o observador de si mesmo. A partir destas auto-observações o sujeito deveria relatar suas impressões que permaneciam mais no âmbito dos processos mentais do que no verdadeiro sentido dos conteúdos.

Politzer aponta três novas tendências insurgentes para superar as questões da psicologia clássica em direção à psicologia concreta, o Behaviorismo, a Gestalt e a Psicanálise, ressaltando que as três podem não satisfazer totalmente os critérios do seu projeto, pois nelas o comportamento humano é tratado como resultados de processos generalizantes, isto é, o comportamento não é de um sujeito na primeira pessoa. Estes processos passam a ser entendidos como resultados dos homens em geral, na terceira pessoa, incorrendo, portanto, num dos problemas por ele apontado na psicologia clássica.

Apesar de Politzer descrever longamente os problemas específicos das três escolas em relação a sua ideia de uma psicologia concreta, vamos nos ater às questões da psicanálise para entendermos o que vem a ser o conceito de psicologia concreta. Não há uma descrição consistente do que seja tal conceito, Politzer o faz em meio às analogias e críticas a psicologia clássica, ou

nas três vertentes acima citadas, que elegeu como possível inspiração, entre elas a psicanálise. Politzer, já no preâmbulo da *Crítica aos Fundamentos da Psicologia*, avisa ao leitor que “omitimos quase tudo o que não é posição e desenvolvimento das ideias em si” (POLITZER, 1998, p.33), e prossegue demonstrando claramente que a *Crítica* é um ponto de partida a ser completado:

Não queremos, contudo, encobrir com essa consideração o que há de impreciso e de provisório neste estudo. Nosso trabalho é ponto de partida; primeiro, por ser o tomo I dos *Matériaux*, depois, porque faz parte de uma série de escritos preliminares (...) o estudo sistemático de todos os procedimentos clássicos que mencionamos ao longo deste estudo, só podem ser desenvolvidos no *Essai* que virá após os *Matériaux*. (POLITZER, 1998, p. 34)

A psicologia concreta estaria baseada no conceito de “drama” como a vida vivida pelo homem individual, para além dos processos biológicos e da introspecção, mais precisamente no sentido dos fatos psicológicos. Os processos devem ser não generalizantes e impessoais conforme suas críticas a psicologia clássica, mas manter uma relação direta com o sujeito que produz os fatos psicológicos.

A definição de Politzer para fato psicológico na psicologia concreta é dada como fatos produzidos por um sujeito e por isso deve ser estudado como um aspecto de um mesmo “eu” de um indivíduo particular. Deve ser pessoal e atual, pois ato e fato são inseparáveis. A vida do indivíduo não deve ser um drama abstrato ou mesmo compreendida de forma abstrata porque, para psicologia concreta, o fato psicológico deve ser interpretado pelo sentido dos atos do sujeito e para o sujeito. (POLITZER, 1998, p. 67). Este aspecto do conceito da psicologia concreta certamente deve ter inspirado a maioria dos pós-freudianos franceses, inclusive Ricoeur na elaboração da arqueologia do sujeito.

Contudo, apesar de adotar muitos conceitos da psicanálise na proposta de uma psicologia concreta, Politzer faz algumas ressalvas², “a tarefa da

² Há uma tendência história dos leitores de Freud em fazer “ressalvas” e “justificativas” no modo de aproximação ao freudismo, como bem apontou Monzani no livro *Freud: O Movimento de um Pensamento*. (1989). Estas pré-justificativas são encontradas na maioria dos prefácios dos livros sobre a psicanálise, demonstrando que a psicanálise não ficou impune ao

reflexão é a de distinguir, na obra de Freud, o joio do trigo, o que pertence ao universo morto da metapsicologia ou da *psychologia rationalis* e o que pertence ao futuro da Razão Crítica, ou seja, à tarefa imediata da psicologia concreta”. (PRADO JR, 1991, p.12)

Uma das críticas de Politzer refere-se à questão das explicações sobre o inconsciente dadas na metapsicologia. Diz ele que Freud explica o comportamento humano a partir de processos interiores, na terceira pessoa, quando descreve o sistema inconsciente com seus processos tópico/energético, o que de certa forma pode ser interpretado como uma generalização do sujeito em detrimento do sujeito concreto, incorrendo no mesmo erro da psicologia clássica. (POLITZER, 1998, p. 123). Para Politzer o relato é apenas uma descrição do fato e a análise torna o conteúdo latente de um sonho numa descrição, correndo o risco de se perder o sentido dramático e se tornar apenas num relato convencional. Outra questão se põe em relação às explicações da metapsicologia sobre inconsciente: “o inconsciente é inseparável dos procedimentos fundamentais da psicologia abstrata e, longe de constituir, na psicanálise, um progresso, indica precisamente uma regressão: o abandono da inspiração concreta e a volta aos procedimentos clássicos”. (POLITZER, 1998, p.153)

Sendo assim, Politzer inaugura e dá a tônica do revisionismo francês à psicanálise quando defende o método psicanalítico como a possibilidade de uma psicologia concreta tendo o sentido como um objeto de investigação, mas, por outro lado, faz críticas a teoria do inconsciente por entender que esta seria uma teoria especulativa, carente de fundamentação e implicada com os preceitos da psicologia clássica: a vida interior.

Bento Prado Jr (1991, p. 14), considera que apesar do “êxito imediato e da rápida ruptura com a psicanálise” as ideias publicadas no ensaio de Politzer sobreviveram “tanto à volubilidade da ideologia, quanto às escolhas teóricas posteriores”.³ Isto porque os filósofos da existência, particularmente Sartre e Merleau-Ponty tomaram o ensaio como inspiração para a ideia de uma

revisionismo que caracterizou sua introdução na França, sendo que Politzer inaugura tanto a recepção quanto o modo revisionista.

³ A “volubilidade da ideologia” citada por Prado Jr, se deve ao fato de Politzer ter abandonado a ideia da psicanálise como inspiração ao seu conceito de psicologia concreta, cujo motivo, especula-se, tenha sido motivado por imperativos ideológicos partidários.

“psicanálise existencial”, com a definição do fato psicológico na esfera do vivido. Prosseguindo na leitura, Prado Jr (1991, p.17) afirma que “Poltzer havia cortado a teoria psicanalítica de sua base biologista e, insistindo na noção de drama, ou da narrativa, preparava assim a inscrição da psicanálise “*dans le champ de la parole*”, no jargão lacaniano”.

Podemos enumerar alguns filósofos com suas próprias leituras de Freud depois de Poltzer, entre eles, Dalbiez, Hyppolite, Lacan, Sartre, Merleau-Ponty e, mais recentemente, Paul Ricoeur. Sobre Ricoeur diz Prado Jr:

Penso aqui no novo estilo de reflexão que teve em Paul Ricoeur o seu principal inspirador, mas não seu único representante. Refiro-me não tanto ao *De l'interpretation*, [...], mas a escritos posteriores, nascidos de uma convivência mais intensa com a filosofia anglo-saxônica da linguagem e da ação [...]. A semântica da ação oferecia instrumentos finos para levar adiante a explicitação da *semântica do desejo*, encetada com argumentos das fenomenologias husserianas e hegeliana e prolongada no estilo da hermenêutica. (PRADO JR, 1991, p.17,18)

O que aproxima Ricoeur de Poltzer é atualidade da *Crítica aos Fundamentos da Psicologia* no contexto da psicanálise, justamente no conceito de drama, como a vida vivida por um sujeito, conceito este que encontra respaldo na descoberta freudiana do sentido do sonho. O sonho é inseparável do eu, é um fato psicológico que tem um sentido singular a um sujeito. “Subjetividade e singularidade são, portanto, coextensivos. [...] Noutras palavras, para Poltzer, a psicanálise é, ao mesmo tempo, descoberta do sentido da subjetividade e descoberta de subjetividade do sentido”. (PRADO JR, 1991, p.22)

Como bem apontou Prado Jr (1991, p.17,18), Ricoeur foi inspirado por Poltzer em muitos pontos notadamente na questão da singularidade do sentido dos sonhos e da subjetividade do sentido, elemento crucial na arqueologia do sujeito, e no conceito de drama, como o fato psicológico de um sujeito singular. A diferença entre ambos está, justamente, na proposta de Ricoeur em ultrapassar a separação histórica entre método e teoria, proposta por Poltzer. Também devemos anotar que, enquanto Poltzer criticou a metapsicologia, Ricoeur considerou esta um amadurecimento do freudismo, principalmente no

que se refere as explicações econômicas do inconsciente enquanto Politzer considerou *A Interpretação dos Sonhos* como a obra máxima do freudismo.

A questão desta dissertação está posta, justamente, na observação de que Ricoeur tentou ultrapassar o revisionismo que teve início com Politzer e fez a história da psicanálise na França. Tal ultrapassamento seria sua própria leitura de Freud e a integração da força (energética) no sentido a ser interpretado na arqueologia do sujeito. Portanto, mesmo tendo inspirações politzerianas com concordâncias e discordâncias, Ricoeur se propôs a ler Freud como uma obra cujo corpo teórico deveria ser inseparável do método psicanalítico.

1.2 O legado de Politzer na cena filosófica francesa

A cena filosófica francesa posterior a Politzer, segundo Shimanke, “é configurada em parte pelo legado de Politzer e, em parte, pela filosofia estabelecida pela geração de 1933, que visava compatibilizar fenomenologia com marxismo, inspirada nos cursos dados por Kojève sobre Hegel, entre os anos de 1933 a 1939”, (SHIMANKE, 2010, p. 303). A inspiração legada por Politzer foi a inauguração de uma abordagem a teoria psicanalítica de modo seletivo apresentando muitas ressalvas à metapsicologia e ao sistema inconsciente. Tal seletividade nos parece advinda de objetivos ideológicos concernentes a aproximação com o marxismo, inaugurando assim, não somente o modo revisionista de ler Freud, mas também o modo operatório de utilização da psicanálise para uma filosofia.

O movimento mais importante na história da psicanálise na França, certamente o mais promissor, do qual resultaram os caminhos futuros da psicanálise, se dá por volta de 1933, quando Kojève introduz o hegelianismo lecionando na Escola Prática de Estudos Superiores, a convite de Alexandre Koyré, resistindo ao ecletismo francês e ao preconceito com os filósofos alemães. Roudinesco (1986, p.153) aponta que “tanto a implantação do hegelianismo quanto a introdução do freudismo encontram fenômenos idênticos de resistência, que funcionaram como o sintoma atuante da progressão das duas doutrinas”.

Os seminários aconteceram sob a égide da cadeira de Filosofia das Religiões, mas com a leitura da *Fenomenologia do Espírito*. Este evento foi a encruzilhada atemporal onde Hegel e Freud, através das mãos de Kojève e dos participantes do seminário, apareceram na cena filosófica francesa, para ocupar um espaço definitivo. Entre os ouvintes do curso estavam Lacan, Hyppolite, Merleau-Ponty, Eric Weil, Pierre Klosnowski, Alexandre Koyré e André Breton. Além de assistirem aos seminários, filósofos, surrealistas, escritores e outros eventuais participantes se reuniam num café na Praça da Sorbone para debater ideias e teorias, o que traduz a atmosfera fervilhante de interesse e intensos debates daquele momento na história do pensamento francês.

A visão kojéviana do hegelianismo, segundo Roudinesco (1986, p.156) tinha como finalidade intrínseca a aproximação com o materialismo histórico. Os seminários contavam com a presença de Hyppolite, tradutor de Hegel que foi, para Roudinesco, “o mais próximo de Hegel”, creditando a ele, Hyppolite, uma neutralidade na leitura hegeliana. Hyppolite teve grande importância na aceitação do idealismo alemão na França, assim como na aceitação da psicanálise, nesta atuando como mediador na atemporalidade entre Hegel, Freud, Kojève e Lacan.

Segundo Joel Birman⁴, alguns obstáculos haveriam de ser superados “para que a psicanálise pudesse ser incorporada como modalidade de saber” (1989), na cena francesa:

Antes de mais nada o valor que a sociedade francesa atribuía à sua tradição cultural e à diferença face a outras tradições nas primeiras décadas do século XX. A implicação disso no que concerne à psicanálise foi decisiva na sua incorporação pela cultura francesa, pois Freud realizou uma descoberta fundamental no campo do saber, que teve uma influência imensa ao longo do século, trabalhando a partir dos impasses colocados pelas investigações neuropatológicas e hipnóticas de Charcot no campo da histeria. Com isso a França se viu privada de uma descoberta decisiva no campo do saber contemporâneo e teve no discurso de P. Janet, um dos herdeiros privilegiados de Charcot, um obstáculo importante para a difusão da psicanálise na França. (BIRMAN, 1989, p.15)

⁴ Organizador do livro *Ensaio de Psicanálise e Filosofia*, com textos de Jean Hyppolite, no qual escreve o prefácio.

A clássica rivalidade intelectual dos franceses com os países de língua alemã deve ser considerada fundamental na resistência, pois “a tradição cartesiana da filosofia francesa se definia pelo paradigma do consciencialismo”. (BIRMAN, 1989, p. 16). Freud ironicamente dizia que para reconhecer a psicanálise deveríamos superar o “sintoma” consciência. Hyppolite teve um papel importante na incorporação do discurso psicanalítico no contexto cultural francês. “Nesta perspectiva, a introdução da filosofia de Hegel, Husserl e Heidegger, foi a condição de possibilidade” (BIRMAN, 1989, p.17) que seria a inserção da “problemática da consciência no contexto da relação entre diferentes consciências” (BIRMAN, 1989 p.17), isto é, de uma intersubjetividade. Quanto a Lacan, assíduo frequentador dos seminários de Kojève, diz Roudinesco:

Lacan descobre, na maneira interpretativa de Kojève, os meios de fazer uma nova interpretação de uma obra original. Junto a Kojève ele aprende a fazer o texto freudiano dizer o que ele não diz. Dota o freudismo de um sistema filosófico no qual a subjetividade escapa a psicologia do ego. Retém duas noções centrais: a alma pura, onde o sujeito projeta sua desordem sobre o mundo para se indignar com ela, e a dialética do senhor e do escravo, cujas imagens fará frutificar ao infinito. (ROUDINESCO, 1986, p.157)

Lacan assume, em sua interpretação de Freud, a dialética hegeliana do Senhor e do Escravo baseada no desejo, um desejo antropogênico cujo objeto é outro desejo, abrindo assim um espaço para a intersubjetividade, e o desejo como uma falta. As noções de desejo, negatividade e reconhecimento são elaboradas por Lacan na publicação *O Estágio do Espelho*, e mais importante, na construção de um corpo teórico próprio sobre o substrato fornecido por Freud, que muitas vezes é confundido com o próprio freudismo. Assim, no processo de superação da resistência às teorias de Freud, a psicanálise no seu afrancesamento vai tomando uma forma própria que aponta para um humanismo, alijado de outras questões que causaram incomodo neste contexto, entre elas o cientificismo da teoria freudiana. Hyppolite (1989, p. 39) dizia que “Freud se utiliza de uma linguagem positivista que é inadequada à sua tarefa percurso”, já apontando para uma tendência da notória polarização às representações do sentido e da interpretação.

Consideremos, então, a dualidade de modelos que ordenam e permeiam o discurso freudiano, onde podemos depreender a contraposição no psiquismo entre representações da natureza e da significação, isto é, entre a ordem da causalidade e a ordem do sentido. (BIRMAN, 1989, p. 21)

A separação entre doutrina e método mencionada por Hyppolite não pode ser creditada originalmente a ele. Antes dele, Politzer⁵, Roland Dalbiez⁶, mestre de Ricoeur, também haviam estabelecido a distinção entre doutrina e método, “ênfatizando a riqueza do método freudiano e destituindo de valor a teoria psicanalítica” (BIRMAN, 1989, p.19). Segundo Birman, Hyppolite procurou retirar desta separação algumas consequências filosóficas:

Assim, se o método freudiano pressupõe uma filosofia do espírito na medida em que é baseado na interpretação num contexto intersubjetivo, a doutrina freudiana com a representação de forças e de energias no psiquismo atualizaria uma problemática pertencente à filosofia da natureza. (BIRMAN, 1989, p.19)

Birman (1989, p. 21) citando Hyppolite menciona a razão da inadequação entre teoria e método: “existiria um contraste e mesmo uma contradição entre o materialismo da energia e a análise intencional”. A diferença entre Dalbiez e Hyppolite é que Dalbiez destacava a oposição entre teoria e método, Hyppolite destaca a hermenêutica do sujeito “que ultrapassa o horizonte de um cientificismo estreito onde se pretendeu inserir o projeto freudiano.” (BIRMAN, 1989, p. 23). Os textos de Hyppolite parecem estar mais a serviço do que ele chama superação desta dicotomia propondo a ideia do movimento do pensamento de Freud “indo sempre de uma imagem naturalista a uma compreensão, e vice-versa”. (BIRMAN, 1989, p. 22). Tal ideia foi retomada mais tarde por Ricoeur que a associou ao modelo hermenêutico de

⁵ Escreveu a *Crítica aos Fundamentos da Psicologia* em 1928.

⁶ Foi um dos primeiros filósofos a apresentar as ideias de Freud na França, posteriormente a Politzer, e também separou doutrina e método. Escreveu *O Método Psicanalítico e a Doutrina Freudiana* em 1936. No primeiro volume apresenta a doutrina freudiana, no segundo a análise crítica. Dalbiez aponta problemas quanto à doutrina freudiana, mas leva em consideração o método. Reconhece a psicanálise como um conhecimento e destaca a importância do inconsciente. Apesar da sua relevante contribuição na história da psicanálise francesa, Dalbiez é pouco citado por filósofos e psicanalistas, tendo sido resgatado por seu aluno Paul Ricoeur.

Dilthey⁷, que havia proposto o modo de explicação para as ciências da natureza e o de compreensão para as ciências humanas.

O que se apresenta neste contexto é o desconforto provocado pela doutrina freudiana e suas explicações fisicalistas, na qual a metáfora de um aparelho psíquico movido por um sistema de forças energéticas sustenta o funcionamento de um aparelho psíquico. É no conceito de pulsão que a oposição entre energética e representação mais evidencia a problemática entre doutrina e método, entre energética e sentido e, conseqüentemente no estatuto do discurso freudiano entre explicar e compreender.

Enquanto a dialética hegeliana tornou a psicanálise aceitável ao “paladar” francês, principalmente na elaboração do conceito de sujeito desejante, a energética não teve a mesma oportunidade, ficando na maior das vezes escamoteada nas teorias do sentido ou relegada a um oportuno esquecimento. Hyppolite ao comparar Freud a Hegel possibilita a analogia do processo analítico com o percurso histórico da consciência de Hegel. Assim nos aparece outro obstáculo a ser ultrapassado: a questão do determinismo no percurso histórico hegeliano e na interpretação freudiana, apontada por Sartre e Merleau-Ponty. A crítica de Sartre é que a ligação analítica existencial entre o passado e o presente nega a liberdade arbitrária futura. Merleau-Ponty comenta esta relação no texto de Freud sobre Da Vinci: “no auge da liberdade, ele é, por isso mesmo, a criança que foi; ele só é desprendido por um lado porque preso a outro”. (HYPPOLITE, apud MERLEAU-PONTY, 1971, p.116). A dialética entre a arqueologia do sujeito e uma teleologia do desejo levantará posteriormente a questão do conceito de cura, discutido por Simone de Beauvoir e também por Canguilhem no livro *O Normal e o Patológico*.

A interpretação do freudismo contemplada por Lacan e as conseqüentes novas teorizações sobre a psicanálise ganham espaço, tanto no mundo acadêmico quanto no mundo clínico. Com isso considera-se que ele idealizou uma nova escola da psicanálise distanciada do freudismo original. Se, com isso conquistou seguidores, alunos e admiradores, também conseguiu desafetos, críticos e dissidentes. Ele mesmo, tendo sido dissidente da Sociedade

⁷ O Filósofo hermeneuta alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911) escreveu *Introdução ao Estudo das Ciências Humanas*, obra na qual procurou assegurar uma independência de método às ciências do homem ou ciências do espírito. Tal distinção entre ciências da natureza e ciências do espírito teve grande repercussão gerando polêmicas e debates até hoje para a filosofia.

Psicanalítica de Paris ao fundar a Escola Freudiana, acaba perdendo dois importantes teóricos, Laplanche e Pontalis, que fundaram a Associação de Psicanálise da França, com ideias mais próximas a Freud.

Com a exposição do histórico da psicanálise na França podemos delinear algumas questões ainda abertas ao debate nas teorias de Freud. Hegelianismo, determinismo, transformações, modos de interpretação e epistemologia quanto ao estatuto do discurso freudiano e, sobretudo, uma visível adesão ao humanismo em detrimento do naturalismo no cenário francês.

1.3 A entrada de Paul Ricoeur em cena

Por volta dos anos 60 já havia certo contorno do que podemos sinalizar como uma psicanálise a francesa, fortemente influenciada por Lacan, quando o discreto Paul Ricoeur publica *Da Interpretação: Um Ensaio sobre Freud*. Com um texto elegante propõe a sua própria leitura do freudismo a partir de um distanciamento crítico, oferecendo uma nova perspectiva de abordagem cuja proposta é o ultrapassamento dos olhares revisionistas. Além disso, deixou claro sua posição de leitor não analisado e tampouco analista; tal posição foi enfatizada por ele no prefácio do *Da Interpretação*, pois no decorrer da história da recepção francesa a psicanálise, muitos autores, para se aproximar do freudismo, acharam por bem participar de sessões de análise e de cursos e palestras de formação. A disposição de Ricoeur em ler Freud de forma cerrada, como ele mesmo afirma, tem em vista ultrapassar as diversas revisões da psicanálise e para isso abordou a obra de Freud como um texto a ser lido por ele sem a mediação dos pós-freudiano, para “não se distanciar do debate cerrado com o fundador da psicanálise” (RICOEUR, 1977, p.11). Ricoeur diferencia ‘leitura’ de ‘interpretação filosófica’, demarcando, claramente, seu posicionamento como leitor de um texto.

A leitura de Freud é um trabalho de historiador da filosofia: não coloca problemas diferentes dos que encontra a leitura de Platão, de Descartes, de Kant, e pode pretender ao mesmo tipo de objetividade. Uma interpretação filosófica é um trabalho de filósofo: supõe uma leitura que pretenda à objetividade, mas toma posição relativamente à obra; acrescenta à reconstituição arquitetônica dessa obra uma

retomada em outro discurso, o do filósofo que pensa a partir de Freud, vale dizer, depois dele, com ele e contra ele. (RICOEUR, 1978, p.137).

Talvez este seja um dos posicionamentos mais claros entre os leitores de Freud, “o do filósofo que pensa a partir de Freud” (RICOEUR, 1978, p.137). Propõe sua própria “interpretação filosófica à discussão”. (RICOEUR, 1978, p.137), pois nos coloca diante de uma questão hermenêutica quando se pergunta se ler já não é interpretar e, do mesmo modo, nos posiciona dentro do arco hermenêutico no qual a interpretação de um texto nos leva a uma compreensão, e ao compreender, compreendemos a nós mesmos. Ademais, porque a partir de Freud ele, Ricoeur, também poderia pensar o fenômeno da cultura contemporânea e a questão da constituição do sujeito.

Ricoeur foi leitor e tradutor de Husserl nos anos em que esteve prisioneiro num campo nazista, como oficial francês, durante a segunda guerra mundial. Após sua libertação iniciou as leituras de Freud e concluiu que a fenomenologia não era suficiente para a análise deste novo tipo de conhecimento chamado psicanálise, a qual exigia uma hermenêutica própria que cumprisse as particularidades das teorias freudianas.

Na época do lançamento do *Da Interpretação* Lacan já havia tomado frente às teorias da psicanálise e tornado quase que hegemônica a sua interpretação naquilo que conhecemos como “retorno a Freud”. Desta forma a publicação do livro de Paul Ricoeur causou certo desconforto na turbulenta cena francesa, cuja característica de revisão havia optado por uma linha de privilégio do sentido em detrimento da força, justamente para onde Ricoeur lançou seu olhar. Se os franceses até então consideravam “resolvido” o problema da energética, Ricoeur recolocou o debate em cena. As críticas foram severas e apaixonadas e acusavam Ricoeur de plágio a Lacan, de hegelianismo e de ter tido a ousadia de escrever sobre um assunto cuja área não era do seu conhecimento por não ser analista e tampouco analisado. Para muitos era uma verdadeira heresia. A psicanálise freudiana lida e interpretada por Ricoeur, tendo em vista o cenário de fundo das discussões francesas, tem como inovação a reintrodução do conceito de energética do freudismo, para, a partir deste conceito pensar sua própria concepção de arqueologia do sujeito.

Aquí temos que expor duas questões sobre a posição que tomamos para esta dissertação. A primeira delas é sobre a ideia de abordagem operatória que nos leva diferenciar Ricoeur de alguns filósofos da psicanálise e aproximar de outros. A abordagem operatória é aquela na qual o objeto tomado para estudo/análise opera uma ação dentro do conceito do pesquisador, sendo fundamental e determinante na sua concepção. Diferentemente do uso instrumental na qual se utiliza um conceito para auxiliar como argumento no esclarecimento de uma ideia. A ideia de que Ricoeur abordou a psicanálise com um interesse próprio, notadamente na questão da energética, não o desmerece nem diminui a importância da sua leitura, mas esclarece a objetividade que pretendemos ver no seu itinerário.

A outra questão que pretendemos tratar está contida na pergunta: em que o olhar hermenêutico de Ricoeur se diferencia de uma visada epistemológica da maioria dos pós-freudianos franceses? Começamos a nossa resposta definindo a hermenêutica como a teoria da interpretação que segue diversas linhas, desde a hermenêutica clássica da interpretação bíblica até as mais atuais de Schlegel, Gadamer e Ricoeur. Em linhas gerais a hermenêutica se define como uma disciplina de interpretação do significado dos textos e outras linguagens inerentes ao ser humano.

Na leitura de Ricoeur ao freudismo nos deparamos com duas etapas. A primeira é a hermenêutica como método de leitura e análise do discurso freudiano feito por Ricoeur. A diferença está que o estatuto do discurso freudiano, enquanto um conhecimento, não é o pano de fundo nos textos de Ricoeur, muito embora tenha dedicado a primeira parte do livro *Da Interpretação* para discutir algumas questões de ordem epistemológicas, principalmente no que se refere ao naturalismo do freudismo. Ricoeur deixa claro, na sequência final do livro, na parte intitulada *Livro III, Dialética: Uma Interpretação Filosófica de Freud*, mais precisamente no *Capítulo II, Uma Arqueologia do Sujeito*, que as questões iniciais foram organizadas de modo a fundamentar sua teoria sobre a arqueologia do sujeito. Este conceito, segundo Ricoeur, requer uma elaboração de cunho epistemológico, porque considera que o lugar filosófico de toda discussão epistemológica sobre psicanálise deve ser recolocada no campo da reflexão sobre o sujeito. Também é importante ressaltar o anúncio de Ricoeur que ao “fechar o dossiê epistemológico” volta-se

para as teses freudianas a fim de elaborar o conceito de arqueologia para uma reflexão filosófica sobre o sujeito, sendo. E aqui está a segunda etapa hermenêutica na relação de Ricoeur com a psicanálise: a arqueologia do sujeito é um conceito de Ricoeur que tem no método psicanalítico uma modo de interpretação dos signos e símbolos que emergem do inconsciente, no proceso analítico, portanto a psicanálise para Ricoeur, por ser um método interpretativo, também é uma hermenêutica.

Outra observação de Ricoeur, que pretendemos enfatizar pois entendemos que seja de grande importancia na sua relação de respeito com a obra de Freud, é o esclarecimento de que ele, Ricoeur, “não pretende que toda a inteligencia do freudismo esteja aí contida. A sequencia deste livro mostrará suficientemente que a inteligencia do freudismo requer um no avanço no conhecimento”. (RICOEUR, 1977, p. 344)

Portanto, seu olhar visa operacionalizar o freudismo como um conhecimento capaz de proporcionar uma reflexão sobre o sujeito, pela hermenêutica, ou seja, pela interpretação dos conteúdos do inconsciente e pela compreensão destes conteúdos resgatados no proceso arqueológico cujo modelo é o processo analítico. Uma hermenêutica que ultrapassa os passos da análise e pensa sobre o sujeito no mundo, e com o mundo. Tal perspectiva é anunciada pelo próprio Ricoeur, a qual entendemos, nesta dissertação, como uma perspectiva de uso operatório, cuja finalidade é fundamentar a arqueologia do sujeito.

O esclarecimento do modo de aproximação a psicanálise faz parte do histórico da sua recepção, e tantas são as abordagens ao freudismo que Monzani aponta sobre “a necessidade de um trabalho prévio de justificativa de como será feita a leitura da obra de Freud, como fez Ricoeur logo no início do livro *Da Interpretação*”. (MONZANI, 1989, p.18)

A diferença da visada hermenêutica de Ricoeur, acima descrita, pode ser comparada com alguns autores, que comentam a psicanálise, cujas razões são dependentes tanto das questões históricas quanto da intencionalidade que servirá como “justificativa”. Politzer, por exemplo, o primeiro filósofo e não analista a comentar a obra freudiana, declara a intenção de tomar a psicanálise como um modelo para uma psicologia concreta e aproximá-la do materialismo, portanto seu olhar para a psicanálise, ao ser comparado com Ricoeur, tem

diferenças de objetivos e de abordagens. A visada de Politzer, além de um fundo ideológico, se anuncia como uma questão epistemológica do estatuto do discurso freudiano, sendo a psicanálise o arcabouço de conhecimento capaz de inspirar a psicologia concreta.

Quanto a Kojève, sua abordagem também tinha um fundo ideológico, e como já vimos anteriormente, a sua aproximação entre o freudismo e o hegelianismo influenciou o movimento dos pós-freudianos a partir dos anos 30. Na verdade, embora Kojève seja mais citado na literatura, foi Hyppolite, participante ativo das conferências de Kojève, quem teceu a aproximação entre Freud e Hegel, inspirando Lacan, também frequentador do curso. A visada de Kojève e Hyppolite se “justificava” pelas questões que a psicanálise trazia a discussão no mundo cultural e acadêmico da França, e também se posicionava na análise da trama dos conceitos e, conseqüentemente, sobre questões epistemológicas do freudismo.

Ricoeur também discute a articulação dos conceitos, porém sua proposta de fundo vai mais além e ultrapassa a questão epistemológica para colocar a sua visada hermenêutica que busca algo mais do que análise da trama dos conceitos e do estatuto do freudismo, busca o que a obra freudiana suscita e evoca a reflexão sobre o sujeito, e como instrumento para a compreensão de si mesmo. A hermenêutica ricoeuriana será contemplada no capítulo tres desta dissertação.

A proposta ricoeuriana se coloca de forma diferenciada e muito particular, justamente quando a corrente dos acontecimentos históricos da psicanálise na França havia consolidado uma interpretação no sentido lacaniano, ou seja, aquela que valorizava o método psicanalítico, a clínica, como o cerne desse saber.⁸ Se Politzer e Kojève não foram psicanalistas, mas tomaram a obra de Freud como objeto de estudo, após os cursos de Kojève surge gradativamente, na cena francesa, uma exigência de imersão na psicanálise para estar “autorizado” a tê-la como objeto. Roudinesco (1968) descreve as concordâncias e discordâncias de interpretação e modos de abordagem ao freudismo, relatando os momentos críticos desta história com as

⁸ Osmyr Faria Gabbi Jr, doutor em Psicologia pela USP, no prefácio da tradução brasileira da *Crítica dos Fundamentos da Psicologia* (1998), faz uma análise das influências de Politzer em Lacan, notadamente na questão da objetivação do inconsciente.

divergências que ocasionaram a criação de inúmeras escolas associações psicanalíticas na França.

A recepção francesa da psicanálise começou com os surrealistas, médicos e pelo filósofo marxista Politzer, seguidos pela geração de 1933, inspirados por Kojève também marxista, além de outros nomes significativos como Dalbiez, que deram voz as suas próprias interpretações. Podemos dizer que, uma vez instalada na França e com o avanço do tempo, o debate sobre o estatuto da psicanálise passa da ordem epistemológica para a ordem clínica com Lacan e as diversas instituições psicanalíticas que surgiram.

A Escola de Lacan foi fundada em 1964, um ano após sua exclusão da Sociedade Francesa de Psicanálise, SFP. A partir da sua larga participação na recepção francesa da psicanálise e herdeiro dos movimentos de 1933, Lacan propõe um novo modo de formação do psicanalista. Este assunto era um debate que perpassava todas as sociedades psicanalíticas da época com o objetivo de determinar quem poderia ser considerado psicanalista. Na Escola de Lacan, a imersão do sujeito em um meio era o modo de adquirir o conhecimento pela experiência. O analista seria, portanto, aquele que se forma no seio do seu próprio tratamento como método de apropriação de um saber que deveria ser utilizado na sua prática futura. A psicanálise seria, então, um conhecimento adquirido a partir da ideia central do processo clínico, acompanhado do estudo da teoria, desta forma, fechando-se em si mesma. Daí pode-se imaginar a polêmica causada por Ricoeur, cuja proposta, de certo modo, abria a circunscrição na qual estava envolvida a psicanálise.

Lacan já havia limitado a influência hegeliana, segundo Birman (1971, p. 12), tendo em vista alguns impasses teóricos que não implicavam numa recusa, mas na imposição de limites para a aproximação entre a psicanálise e a dialética hegeliana, e também no afastamento dos registros biológicos da teoria freudiana, principalmente no que se refere às pulsões como uma energética com suas forças quantitativas. Lacan direciona seu interesse para a intersubjetividade e o entendimento do inconsciente estruturado como uma linguagem. Seus conceitos baseados na experiência clínica, na intersubjetividade e no simbólico em detrimento dos aspectos naturalistas da teoria freudiana influenciaram um contingente significativo de seguidores.

As escolas de língua inglesa da época, por outro lado, ao assimilarem a psicanálise, promoveram seus debates no sentido questionar o estatuto científico da psicanálise em comparação com o empirismo e as ciências de observação⁹, coisa que os franceses declinaram em favor de características próprias do pensamento francês, mais ao gosto das ciências humanas.

Ricoeur, ao propor sua leitura de Freud afastando-se da influência lacaniana e dos pós-freudianos, posicionou-se a uma distância crítica e periférica, se pensarmos o termo periférico nos moldes lacanianos, como aquele que não foi analisado, portanto fora do círculo do conhecimento, um “desautorizado”. Na sua leitura propõe comparações entre diversas lentes com as quais se pode analisar o discurso freudiano e faz um levantamento dos problemas daí decorrentes, sempre apontando para a inspiração hermenêutica da psicanálise. (RICOEUR, 1977, p. 293).

O livro de Ricoeur causou ressonâncias como podemos constatar no artigo do professor Vincenzo Di Matteo¹⁰ *Ressonâncias Freudianas no Século XX*, no qual descreve amplamente o impacto que a obra de Ricoeur teve na cena francesa.

A ousadia, grandiosidade e seriedade da empreitada foi aplaudida por muitos, atestada pelo sucesso editorial do livro. Não faltaram, porém, reações divergentes e ambivalentes. Afinal, eram previsíveis. Os amplos problemas abordados e as soluções apontadas, que pareciam mais ecléticas do que dialéticas, mobilizavam as desconfianças de todos (filósofos, psicanalistas, psiquiatras, teólogos e escritores em geral ligados de alguma maneira à psicanálise) e não tardaram a aparecer nas numerosas resenhas de que o livro de Ricoeur foi objeto. (DI MATTEO, p.171)

⁹ Ricoeur também dialogou com empirismo e as ciências de observação das escolas inglesas cuja crítica ao freudismo referia-se ao estatuto da psicanálise quanto à definição de fato científico e fato em psicanálise. Há uma diferenciação entre o que é um fato científico e o fato em psicanálise, sendo que para as ciências naturais um fato é algo que cumpre os moldes exigidos pelo método científico, cuja explicação causal tenha momentos diferenciados do fato, o que não ocorre na psicanálise, além disso, o fato a ser interpretado nem sempre é tributário de uma realidade, mas sim de um fantasma ou fantasia e onde causa (fator originário) se confunde com motivo (fator desencadeante de uma causa). Além desta questão há a problemática referente ao enquadramento da psicanálise nas ciências da observação contestada pelos ingleses devido à privacidade do processo analítico, portanto não posto a verificabilidade e tampouco a falseabilidade.

¹⁰ Professor Doutor Associado à Universidade Federal de Pernambuco.

Di Matteo faz um minucioso levantamento das mais diversas opiniões para demonstrar a amplitude das divergências sobre a leitura de Ricoeur.

Alguns o criticam por ter concedido demais ao cientismo e positivismo freudiano; outros, por reduzir a psicanálise a uma concepção filosófica. Psicanalistas o acusam de querer reconquistar o antigo sujeito filosófico pela teleologia hegeliana, enquanto psiquiatras duvidam e se inquietam pela adesão incondicional à arqueologia freudiana do sujeito. (DI MATTEO, p. 173)

O momento histórico no qual apareceu Ricoeur talvez tenha sido um daqueles no qual o tema da psicanálise estivesse demasiadamente explorado e distorcido, o que nos leva a supor que o olhar de Ricoeur foi de “limpar” o horizonte de acesso a Freud de todos os aditivos e faltas cometidas até então pelos pós-freudianos. Ricoeur, analisando os escritos de Freud a partir de um olhar crítico ao texto mesmo, afastado dos vícios interpretativos de então, parece ter sido o oxigênio que reascendeu o debate, oferecendo novas perspectivas e possibilidades de produção, seja para defender seus pontos de vista criticando Ricoeur, seja para abrir novos caminhos a partir dele. O fato é que sua leitura causou algum incômodo àqueles que pretendiam uma hegemonia na interpretação da psicanálise francesa.

Ricoeur apresenta uma obra complexa propondo uma hermenêutica como modo de leitura do freudismo e uma visão da psicanálise como uma hermenêutica, não como uma hermenêutica universal, mas como a hermenêutica capaz de interpretar o desejo manifesto no sonho, como produto do inconsciente, a ser decifrado como linguagem.

Ao fazer do sonho não somente o primeiro objeto de sua investigação, mas um modelo – no sentido que discutiremos adiante – de todas as expressões dissimuladas, substituídas e fictícias do desejo humano, Freud convida a procurar no próprio sonho a articulação do desejo e da linguagem. E isso, de múltiplas maneiras: antes de tudo, não é o sonho sonhado que pode ser interpretado, mas o texto do relato do sonho; é este texto que o analista quer substituir por um outro que seria como a palavra primitiva do desejo; não é o desejo enquanto tal que se encontra situado no centro da análise, mas sua linguagem. (RICOEUR, 1977, p.17)

Sendo assim, Ricoeur posiciona Freud “sobre o fundo da problemática da linguagem”, na qual situa “sua hermenêutica da cultura”. (RICOEUR, 1977)

p. 41). Ricoeur entra no debate da filosofia da psicanálise ao ver nela mais uma das hermenêuticas possíveis para a interpretação do sujeito e da cultura. Entretanto a questão que nos importa na leitura de Freud por Ricoeur é justamente sua disposição de pensar, nas suas reflexões sobre o sujeito, uma arqueologia que levasse em conta para a interpretação, além do sentido, a força.

O esforço de Ricoeur nos parece um exercício intelectual cuja finalidade é ter em conta a metapsicologia, recuperando a importância da energética e suas explicações sistemáticas do inconsciente, como fundamental na teoria freudiana. Desta forma, Ricoeur está se mantendo fiel ao seu propósito inicial de considerar a obra de Freud como um corpo e podemos notar nos diálogos (explícitos e implícitos) com alguns revisionistas, notadamente com seu mestre Dalbiez, Hyppolite e Politzer, todos críticos do freudismo e revisionistas no sentido de valorizar o método e a interpretação do sentido em detrimento da teoria e da força. Há também algumas concordâncias, entre elas podemos ressaltar o posicionamento de Ricoeur similar ao de Politzer no sentido de manter a psicanálise a serviço do sujeito vivo, nas suas ações e na vida vivida, discordando, porém, na crítica de Politzer à metapsicologia e ao “drama mecânico” da teoria das pulsões, justamente quando a sua proposta é de manter os conceitos de força implicado na compreensão do sentido.

Assim Ricoeur reintroduz a energética no debate epistemológico da teoria freudiana quando incorpora o seu conceito para uma hermenêutica do sujeito.

2 INTEGRAÇÃO DA ENERGÉTICA NA INTERPRETAÇÃO

A proposta de Ricoeur de integrar força e sentido é uma questão que se põe diante de um enigma da teoria de Freud, isto é o ponto nevrálgico da psicanálise, justamente aquele no qual o somático e o psíquico se encontram, tratado na teoria das pulsões. A questão a ser resolvida por Ricoeur no que diz respeito a esta arqueologia está situada, justamente, no ponto de abandono dos pensadores franceses, isto é, onde a marcha regressiva da arqueologia encontra o naturalismo, mas cabe ressaltar que este naturalismo é do âmbito do conceito de força psíquica, e não do âmbito do organismo biológico propriamente dito.

A teoria das pulsões exigiu de Freud uma linguagem de ordem realista para explicar o sistema inconsciente e a dinâmica das pulsões. Os franceses não aceitaram muito bem, desde Politzer, tal realismo por algumas razões. Uma delas é que a metapsicologia remete ao *Projeto*, que utilizava uma linguagem realista/naturalista, dos tempos em que Freud, possivelmente, ainda se preocupava em manter-se em conformidade com o positivismo da época, e também pelo realismo econômico sem suficiente fundamentação nas explicações do sistema inconsciente, principalmente no que se refere as metáforas mecanicistas utilizadas para descrever a dinâmica do aparelho psíquico. Politzer, a sua época, também colocou em dúvida o “prestígio gozado pelo inconsciente”, alegando que “nos fatos citados habitualmente como provas do inconsciente, este aparece de forma tão direta e tão imediata que é mais apropriado falar de constatação do que hipótese”. (POLITZER, 1998, p. 132). Freud no artigo *O Inconsciente* justifica o “direito de supor a existência de algo mental inconsciente, e de empregar tal suposição visando às finalidades do trabalho científico”. (FREUD, 1914, p. 172) Esta justificativa, segundo ele, é porque a suposição do inconsciente é necessária e legítima, mas tal afirmação denota certa fragilidade nas suposições quanto à articulação das provas, que estão nos artigos da metapsicologia, criticados por Politzer e outros comentadores.

Tendo todas as questões acima mencionadas, somadas a outras tantas, Ricoeur escreve *Da Interpretação* de modo sistemático, analisando a obra

freudiana por partes, conforme seu próprio critério no elenco de problemas. A primeira parte do livro é dedicada a um trabalho epistemológico com a finalidade de preparar o meio para que a energética não seja relegada ao esquecimento em favor da interpretação. Nestes textos, Ricoeur faz uma laboriosa análise do estatuto do discurso freudiano, da qual decorrem algumas perguntas: “qual é o estatuto da representação relativamente às noções de pulsão, objetivo de pulsão e de afeto? Como compor uma interpretação do sentido pelo sentido com uma econômica de investimentos, de desinvestimentos e de contra investimentos?” (RICOEUR, 1989, p.68).

Segundo Ricoeur, Freud foi transformando suas concepções ao longo das suas experiências com os pacientes. O *Projeto* de 1895 é considerado por ele como um estado não hermenêutico da psicanálise no qual Freud, ainda motivado pelo positivismo, procurava enquadrar sua nascente teoria nos moldes de uma ciência. Porém, embora o *Projeto* possa ser um estado não hermenêutico da psicanálise, já há nele meios de vislumbrar o futuro da interpretação¹¹. Normalmente os críticos tomam *A Interpretação dos Sonhos* de 1900, mais precisamente o capítulo VII, como o trabalho no qual Freud superou todo o positivismo aparente do *Projeto*. Entretanto Ricoeur interpreta que para além de uma superação, o capítulo VII seria uma retomada do *Projeto* no sentido de ultrapassá-lo para preparar sua integração no trabalho de interpretação, o que vai ocorrer posteriormente nos artigos da metapsicologia de 1915 em diante “como uma expressão mais madura da teoria”. (RICOEUR, 1989, p. 68), diferentemente de Politzer que criticava os escritos da metapsicologia.

O que motivou muitos debates ao longo da história da psicanálise é que há uma dificuldade de linguagem para fundamentar a possibilidade de interpretação da energética em termos de sentido porque, no parecer de Ricoeur, Freud utilizou um processo imaginativo, metafóricamente “físico”, para descrever um sistema de forças que atuam no sistema psíquico. Portanto, antes de elaborar a arqueologia do sujeito, Ricoeur quer se resolver quanto ao

¹¹ Nesta época da história da psicanálise poderíamos dizer que o conceito chave das descobertas foram os sintomas que, por ocasião do *Projeto*, adquiriram fortes relações interpretativas se considerarmos que os sintomas físicos apresentados pelos histéricos de Salpêtrière passaram a ser interpretados para além das manifestações meramente físicas.

seu psocionamento diante do problema do estatuto da teoria freudiana que vem sendo debatida desde Politzer, Dalbiez e Hyppolite.

A questão na qual Ricoeur busca respostas está posta pelo próprio contexto histórico da psicanálise na França, cuja recepção ocorreu mediante uma revisão que teve início com Politzer, posteriormente Dalbiez, quando estes separaram teoria e método (tratado no capítulo 2 desta dissertação), seguido de outros autores que fizeram suas próprias interpretações menos voltadas para o naturalismo freudiano e mais para o humanismo francês. Podemos até considerar que a recepção da psicanálise na França ocorreu mediante um “esquecimento” do naturalismo, devido ao determinismo implicado no conceito, e por questões essencialmente epistemológicas relativas às explicações, notadamente contidas nos escritos metapsicológicos. Para Ricoeur, não é, absolutamente, uma questão teórica o resgate a que se propõe, do que foi posto de lado na recepção francesa do freudismo. Para ele, também é uma questão hermenêutica, pois versa sobre o estatuto das ciências humanas em geral, uma questão que vem desde a teoria de Dilthey que pensava a partir da ideia de uma explicação para as ciências da natureza e uma compreensão para as ciências humanas. Ora, a relação entre pulsão e o psíquico é justamente o ponto de intersecção, não só de dois sistemas do complexo humano, mas também do debate hermenêutico no que se refere ao modo das interpretações. Sobre isto Ricoeur faz a seguinte reflexão:

Todo o problema da epistemologia freudiana parece concentrar-se numa única questão: como é possível que a explicação econômica passe por uma interpretação que versa sobre significações e, em sentido oposto, que a interpretação seja um momento da explicação econômica? (RICOEUR, 1977, p. 68)

No seu entendimento seria mais fácil optar pela alternativa diltheana: “ou uma explicação de estilo energético, ou uma compreensão de estilo fenomenológico”. (RICOEUR, 1977, p. 68). Porém, ao mesmo tempo, faz a seguinte ressalva: “Ora, deve-se admitir que o freudismo só existe pela recusa dessa alternativa”. (RICOEUR, 1977, p. 68).

Posto isto, chegamos uma questão importante na epistemologia da psicanálise quanto à articulação dos dois modos de discurso com a qual ela se apresenta ao leitor. Diz Ricoeur que aqui também há uma hermenêutica que

possibilita uma reflexão sobre o estatuto da teoria freudiana entre explicar e compreender, pois esta reflexão deverá sustentar sua tese de que o freudismo é, antes de tudo, uma recusa à polarização do ser humano em qualquer das duas dimensões.

Considerando seu posicionamento em relação entre a energética e o sentido surge uma pergunta crucial, para a presente pesquisa, que se fez Ricoeur: “por haver dificuldade na integração interpretativa da psicanálise, o modelo hermenêutico pode integrar, na trajetória da interpretação, uma fase explicativa tomada emprestada dos modelos tópicos econômicos”? (RICOEUR, 2010, p.76).

Para responder esta pergunta, Ricoeur fez um trabalho laborioso e sistemático de toda a obra de Freud começando pelo debate com as questões epistemológicas do freudismo, para ir, ao longo do *Da Interpretação*, colocando as bases para, no final, fundamentar a sua ideia de integrar o conceito de força pulsional na interpretação do sentido e, também para afirmar a importância do modelo tópico econômico na teoria freudiana, e conseqüentemente na sua proposta de uma hermenêutica para o conhecimento do sujeito, cujo modelo de arqueologia e o método psicanalítico. Ressaltando que, ao contrário dos revisionistas pós-freudianos, que relegaram o modelo tópico/econômico a um segundo plano, Ricoeur retoma este o conceito nas suas articulações.

Segundo ele, a arqueologia do sujeito demanda algumas “peripécias da reflexão” (RICOEUR, 1977, p. 345). A primeira delas é um trabalho epistemológico para distinguir o estatuto do discurso freudiano, justamente entre sentido e força, já que o sistema de forças e estímulos, a energética, é central na teoria freudiana, e tem papel fundamental no deslocamento da consciência para a arqueologia ricoeuriana. O conceito de energética é um conjunto de dispositivos apresentados por Freud, que utilizou metáforas econômicas como investimento e quantidade de investimento, para explicar a dinâmica do sistema psíquico.

A segunda “peripécia da reflexão”, decorrente da primeira, é a construção do seu conceito de arqueologia fundamentada no desapossamento da consciência como possibilidade de percorrer o caminho rumo a pré-significação e as relações simbólicas inconscientes. Nesta marcha regressiva Ricoeur propõe a suspeita da consciência como possibilidade de escavação do

inconsciente. Esta suspeita nos remete a *epoché* da fenomenologia, porém, para Ricoeur há algumas diferenças entre psicanálise e fenomenologia e muitas aproximações possíveis. A questão mais importante é a questão da consciência, pois enquanto “a fenomenologia começa por um ato de “suspensão”, por uma *epoché* que está à livre disposição do sujeito, a psicanálise começa por uma suspensão do controle da consciência”. (RICOEUR, 1977, p. 314).

Ricoeur afirmou a intensão de elaborar o conceito de arqueologia nos limites de uma reflexão¹², que visa, juntamente com o desapossamento da consciência, uma reflexão capaz de tecer uma “relação de conveniência entre o modelo econômico e o que chamo doravante de momento arqueológico da reflexão.” (RICOEUR, 1977, p. 358). Isto porque ele considera que o modelo econômico consiste em “toda uma visão das coisas e do homem que se acha nele contida.” (RICOEUR, 1977, p.358). Ricoeur nos conduz à ideia de que a reflexão é o fazer da filosofia e o momento arqueológico da reflexão deve incluir o modelo econômico, porém escreve que “não pretende que toda a inteligência do freudismo esteja aí contida” (RICOEUR, 1977, p. 344), deste modo deixando em aberto amplamente as questões filosóficas que podem ser evocadas pelo freudismo, porque para Ricoeur “a inteligência do freudismo requer um novo avanço do pensamento.” (RICOEUR, 1977, p.344).

E é pela reflexão que constatamos que estes limites nos levam a instância mais obscura do inconsciente, aquela que vem antes das significações, a pulsão enquanto afeto. A arqueologia ricoeuriana se mostra radical porque quer incluir no conceito do ser, não somente as vicissitudes das pulsões quando estas já se apresentam de modo ligado, isto é, mediado por representações. A arqueologia radical de Ricoeur quer buscar as contas dos investimentos nos conteúdos e na quantidade de energia destes investimentos, que vem com os afetos. “Essa marcha para o pulsional puro nos apareceu como uma marcha para o pré-significante e até mesmo o insignificante”. (RICOEUR, 1977, p. 367). Em Ricoeur esta “marcha regressiva para os confins do indizível apresenta a problemática “da apresentação afetiva”, enquanto distinta da “apresentação representativa”; a psicanálise é o conhecimento

¹² Este tema será desenvolvido no capítulo 3, Ítem 3.3 sob o título *Arqueologia do Sujeito*.

limítrofe do que, na representação, não era representação". (RICOEUR, 1977, p.367). Poderíamos deduzir daí, talvez um tanto prematuramente, que esta "apresentação afetiva" possa estar contida no conceito de energética, na qual está implicada a questão quantitativa, porque o afeto se apresenta no modo quantidade e intensidade, resultando, portanto, nas explicações sistemáticas e realistas do sistema inconsciente.

O que se "apresenta" no afeto e não entra na representação é o desejo como desejo. A irreducibilidade do ponto de vista econômico a uma simples tópica das representações atesta que o inconsciente não é fundamentalmente linguagem, mas também impulso para a linguagem. O quantitativo é o mudo, o não-falado e o não-falante, o inominável na raiz do dizer. Mas, para dizer este não-dizer, a psicologia já não tem senão a metáfora energética: carga, descarga; a metáfora capitalista: aplicação, investimento; e toda a série de variantes. O que, no inconsciente, é suscetível de falar, o que é representável, remete a um fundo não simbolizável: o desejo como desejo. Está aqui o limite que inconsciente impõe a toda a transcrição linguística que se queira exata. (RICOEUR, 1977, p. 367). Este é o ponto principal da nossa abordagem, porque podemos observar que a solução dada por Ricoeur cumpre seu propósito de manter-se cerrado a Freud. A energética só pode ser interpretada no sentido pelo fator quantitativo, e não deve ser alijada do corpo teórico da psicanálise, se a ideia é manter-se fiel ao freudismo.

Os problemas filosóficos que surgem da crise da primazia da consciência começam na colocação da consciência como tarefa hermenêutica, não uma simples hermenêutica, mas aquela que tem na sua conta a energética, isto é, o desejo enquanto afeto. Deve ter em conta, também, a mediação entre a redução das ilusões e restauração do sentido, pois essas duas instâncias hermenêuticas "têm em comum o caráter de descentrar a origem do sentido em direção a outro núcleo que não é mais o sujeito imediato da reflexão" (RICOEUR, 1977, p. 54).

2.1 O movimento do pensamento de Freud

Alguns críticos de Ricoeur, como Roberto de Monzani¹³, argumentam que “não é nada difícil perceber que toda a montagem operada por Ricoeur¹⁴ consistiu não em harmonizar o econômico e a interpretação, mas pura e simplesmente em eliminar totalmente do plano psíquico o econômico”. (MONZANI, 1989, p.89). Para Monzani (1989) as duas instâncias em que se movimenta a psicanálise devem ser consideradas, porque “Freud jamais abandonará esta representação energética”. A estratégia sugerida por Monzani (1989, pg.22) é acompanhar este movimento “de uma imagem naturalista a uma compreensão e vice-versa”. Salienta que Freud se movimenta nesta oposição que aponta para o dualismo corpo e espírito, articulando uma filosofia da natureza a uma filosofia do espírito, e para superar este dualismo propõe seguir o próprio movimento de Freud, indo de uma compreensão a outra. (MONZANI, 1989, p.34).

É evidente que se trata de uma dura afirmação da parte de Monzani, posto que Ricoeur dedica boa parte do *Da Interpretação* para explicar como lerá Freud, e como pretende não separar teoria e método, sentido e força, aliás todo o trabalho a que se propõe Ricoeur é, justamente, trazer para o debate o lado da psicanálise esquecido pelos pós freudianos nas abordagens revisionistas. Ricoeur explana sobre as primeiras dificuldades epistemológicas e a ambiguidade do discurso, no capítulo: *O Problema Epistemológico do Freudismo*:

Coloquei essa enquete sob um título que designa imediatamente a dificuldade central da epistemologia psicanalítica. Os escritos de Freud se apresentam de imediato, como um discurso misto, ambíguo, que ora enuncia conflitos de força justificando uma energética, ora relações de sentido justificando uma hermenêutica. Gostaria de mostrar que essa ambiguidade aparente é bem fundada, que esse discurso misto é a razão de ser da psicanálise. (RICOEUR, 1977, p. 67).

¹³ Roberto Monzani, eminente e atuante filósofo brasileiro com importante papel na recepção da psicanálise no Brasil, cuja leitura de Freud tem muitos pontos em comum com Ricoeur.

¹⁴ A “montagem” criticada por Monzani refere-se à proposta de Ricoeur de integrar força e sentido apresentada no capítulo três desta dissertação.

Ao fazer esta notificação sobre o discurso freudiano, Ricoeur deixa claro que tal ambiguidade é apenas algo a ser superado pelo discurso misto, e não uma ruptura ou abandono do plano econômico apresentado por Freud na metapsicologia. Portanto, não há ruptura ou abandono na leitura que Ricoeur faz do freudismo, e mesmo assumindo a psicanálise como algo ambíguo, não nos parece que Ricoeur estaria traindo sua ideia inicial de que a psicanálise é um corpo de conhecimento indivisível. O que se põe é que a sua proposta de integrar a energética na interpretação do sentido nos leva a considerar que, pelo modo de perspectiva hermenêutico acima anunciado, esta ambiguidade implica diretamente no estatuto do discurso, porém tal implicação fica na ordem da análise deste discurso e não representa, de forma alguma, uma ruptura no corpo teórico da psicanálise.¹⁵

Este debate nos parece mais uma questão de perspectiva epistemológica e um embate retórico entre duas visões que mais se aproximam do que se afastam. Por um lado, a palavra integrar confere argumentos, do ponto de vista lógico, a favor de Monzani, porque o termo permite a hipótese da existência de pelo menos dois elementos a serem integrados. Por outro lado, se a ambiguidade não for ultrapassada pela integração proposta, o movimento entre explicação e compreensão não cessaria, e talvez, a partir daí se possa afirmar que o movimento hermenêutico entre explicar e compreender permanece rondando a leitura de Ricoeur sobre o texto freudiano, sem que fosse superado realmente pelo discurso misto, aliás, todo o esforço de Ricoeur é no sentido dialético reflexivo, como superação da separação entre sentido e força. Ademais, a não superação desta ambiguidade implica diretamente na proposta da arqueologia ricoeuriana de fazer uma “escavação” em direção da pré-significação, justamente porque Ricoeur quer manter a questão da força implicada no sentido. Na passagem da força para o sentido surge o problema da linguagem para explicar o mecanismo de força/investimento e sua relação com sentido a ser interpretado. A proposta de Ricoeur é uma superação da hermenêutica de Dilthey, sobre explicar uma teoria científica e compreender uma teoria social. Segundo Ricoeur, “Dilthey fazia da interpretação uma forma derivada da compreensão” e adverte que “a noção de explicação deslocou-se;

¹⁵ Lembrando ainda as justificativas apresentadas no início deste trabalho sobre a leitura de Ricoeur, crítica ao revisionismo francês que alijou o discurso naturalista da psicanálise.

já não é herdada das ciências da natureza, mas de modelos propriamente linguísticos” (RICOEUR, 1977, p.141).

Ao movimento proposto por Ricoeur de ir de uma explicação a uma compreensão, superando a ambiguidade, parece faltar, justamente, um como. E é neste quesito que sua proposta integrativa da energética numa hermenêutica sofre obstáculos, reconhecidos por ele mesmo em textos posteriores ao *Da Interpretação*. Neste ponto a crítica feita por Monzani de abandono parece, à primeira vista, ter alguma pertinência, porém, a situação da energética nos parece mais concernente a algo intrínseco, mas não abandonado, na arqueologia do sujeito ricoeuriano. Nossa proposta de interpretação da visão ricoeuriana da psicanálise será explanada na sequência desta dissertação de forma a melhor organizar nossa visão da hermenêutica ricoeuriana.

E além desta crítica Monzani afirma que Ricoeur, apesar de seguir os princípios fundamentais da psicanálise como um corpo teórico, ainda assim parece enunciar uma ruptura entre o *Projeto* e *A Interpretação dos Sonhos*. Isto poderia significar que, uma vez assumida tal ruptura, a energética estaria relegada ao abandono. Entretanto, mesmo tendo em conta a excelência de Monzani no campo da filosofia da psicanálise, temos que considerar que o estilo literário que lhe é próprio, causa certo efeito no leitor quando afirma: “Para Ricoeur, *A Interpretação dos Sonhos* representa realmente uma ruptura no pensamento freudiano.” (MONZANI, 1989, p.83). Em seguida, no mesmo texto, a palavra ruptura é amenizada na seguinte explicação: “não de uma ruptura total e brusca, que cindiria com todos os liames anteriores” (MONZANI, 1989, p.83). A ruptura apontada por Monzani seria um momento essencial, entendido por Ricoeur, como uma “transformação radical que afeta as relações entre a explicação tópico-econômica de um lado e a interpretação do outro lado” (MONZANI, 1989, p.83). Portanto, fiel a nossa ideia que há uma diferença entre a visão hermenêutica ricoeuriana e a psicanalítica, podemos considerar que Ricoeur não vê uma cisão no modo de ser da psicanálise, mas uma transformação no que diz respeito à importância da *Interpretação Sonhos* para a arqueologia do sujeito. A posição de Ricoeur, quanto à passagem do *Projeto* para *A Interpretação dos Sonhos*, está muito bem explicitada no livro *Da*

Interpretação no capítulo II: Energética e Hermenêutica em a Interpretação dos Sonhos:

O difícil capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* é, incontestavelmente, o herdeiro do *Projeto* de 1895. Não tendo sido esse *Projeto* publicado pelo próprio Freud, podemos dizer que é em *A Interpretação dos Sonhos* que ele se salva. No entanto, duas mudanças, pelo menos, intervíram. A primeira é demasiado importante para que tivesse escapado: o aparelho psíquico de *A Interpretação dos Sonhos* funciona sem referência anatômica, é um aparelho psíquico. (RICOEUR, 1977, p.83)

Note-se que a palavra é mudança, não abandono, entretanto esta mudança, segundo Ricoeur, afetou a relação epistemológica entre os dois discursos, pois a teoria dos sonhos é fundamentada nos princípios estruturantes e fundamentais da psicanálise, a interpretação. Entretanto, prosseguindo na análise de Ricoeur, o fato de ter ocorrido uma mudança do centro de gravidade da teoria freudiana não significa que Freud tenha abandonado a descrição do funcionamento psíquico, pois a dinâmica está intrinsicamente ligada à explicação de investimentos das cargas e descargas pulsionais, contemplada mais tarde nos textos de metapsicologia.

O que mudou para Ricoeur, para além do *Projeto*, foi à valorização do aspecto interpretativo, que doravante se tornaria a identidade da psicanálise como conhecimento formal através da interpretação dos conteúdos inconscientes, manifestados nos sonhos e nas lacunas da consciência.

Doravante, o sonho impõe uma temática que podemos chamar herbatiana¹⁶: há um pensamento do sonho. O que o sonho realiza, ou melhor ainda, aquilo de que é satisfação (Erfüllung), é um desejo (ou antes, um desejo Wunsch), isto é uma ideia, um pensamento. É por isso que *A Interpretação dos Sonhos* fala de ideias investidas e não mais de neurônios investidos. (RICOEUR, 1977, p.83)

Mesmo com a menção da diferença entre “ideias investidas” e “neurônios investidos”, não há uma ruptura ou um abandono da energética

¹⁶ Refere-se ao filósofo alemão Johann Friedrich Herbart (1776-1841), para quem a mente funciona com base em representações. A dinâmica da mente estaria nas relações entre essas representações, que nem sempre são conscientes, podem estar latentes entrar conflito entre si numa espécie de domínio do inconsciente. A descrição desse processo viria muitos anos depois, influenciar a teoria psicanalítica Freud (1856-1939).

porque as “ideias investidas” demandam da energia pulsional nos termos que requer o conceito de investimentos. A mudança que Ricoeur vê em Freud é justamente a mudança de horizonte da psicanálise que se abre para uma hermenêutica do sentido, isto é, das “ideias investidas”.

A segunda mudança, decorrente da primeira, mencionada por Ricoeur na referência acima, e considerada relevante do ponto de vista epistemológico sobre os modelos freudianos é que: “o esquema do aparelho psíquico oscila entre uma representação real, como fazia a máquina do *Projeto*, e uma representação figurada, como serão os esquemas ulteriores da tópica” (RICOEUR, 1977, p.83). O abandono que Monzani vê em Ricoeur é, justamente, naquilo que Ricoeur afirma ser o resultado das mudanças acima mencionadas, “uma transformação mais radical” (RICOEUR, 1977, p.83) que vai afetar sua teoria de movimento entre explicação e compreensão, ou seja, que “afeta as relações entre explicação tópico-econômica, de um lado, e a interpretação, do outro” (RICOEUR, 1977, p.83). Justamente a proposta inicial de análise de Ricoeur para o movimento do pensamento de Freud.

Essa relação permanecia dissimulada no *Projeto*: a interpretação dos sintomas, tomada de empréstimo às neuroses de transferência, guiava a construção do sistema sem ser ela própria tematizada no interior do sistema. É por isso que a explicação parecia independente do trabalho concreto do analista e do trabalho do doente sobre sua neurose. (RICOEUR, 1977, p.83)

Este tema foi retomado por Ricoeur dos artigos de Hyppolite (1989), que já apontava a delicada posição da psicanálise no enquadramento de um estatuto das ciências naturais, tendo em vista a especificidade das explicações freudianas baseadas na neurologia. Ricoeur e Hyppolite afirmam o privilégio da compreensão como terreno mais fértil para a psicanálise sem o abandono da explicação sobre as forças atuantes no sistema psíquico.

A explicação sistemática é transferida para o fim de um trabalho efetivo cujas regras mesmas são elaboradas; e ela é expressamente destinada a transcrever graficamente o que se passa no trabalho do sonho que, em si mesmo, só é acessível no e pelo trabalho de interpretação. Portanto, a explicação está explicitamente subordinada à interpretação. (RICOEUR, 1977, p.83)

Ao propor subordinar a explicação às representações, Ricoeur está incluindo aqui a explicação no âmbito da interpretação. Além disso, também podemos inferir que há um reforço de um dos aspectos da psicanálise, que com *A Interpretação dos Sonhos*, ganhará um espaço fundamental e central no freudismo. Enquanto no *Projeto* se pretendia uma psicanálise positivista, a partir da *Interpretação dos Sonhos*, Freud apresenta a ideia abstrata de um aparelho psíquico que trata das representações. Segundo Ricoeur, nestes textos, há uma ênfase na interpretação por parte de Freud e, posteriormente, nos artigos metapsicológicos de 1914-1917, apresenta-se “a expressão mais madura da teoria na relação da pulsão com a representação”. (RICOEUR, 1977, p.68).

Entretanto, Ricoeur reitera a defesa do papel fundamental da energética na interpretação do sentido dos conteúdos inconscientes, principalmente dos sonhos, pois, para ele, não é possível uma interpretação destes sem a explicação “dos mecanismos que constituem o trabalho dos sonhos e que asseguram a “transposição” ou a “distorção” (RICOEUR, 1977, p.84). Na sua leitura, o sonho carrega a mensagem do desejo nele cifrado e o trabalho de decifração “é um fenômeno de regressão que remete-nos dos conceitos de sentido aos conceitos de força”. (RICOEUR, 1977, p.85).

Deste modo, podemos observar que as palavras ruptura e abandono não se justificam plenamente em Ricoeur, e Monzani, apesar de ter apontado esta possibilidade, também não a toma radicalmente. Nas suas reflexões Monzani se pergunta se há um núcleo teórico comum na obra de Freud e se posiciona ponderando que “o fato de Freud ter introduzido adições, retificações, conceitos clínicos novos, não afeta tais fundamentos teóricos sobre os quais o discurso psicanalítico está estruturado”. (MONZANI, 1989, p. 19). Ricoeur foi sensível às modificações incluídas por Freud e, tal como Monzani, permaneceu fiel aos fundamentos da teoria freudiana.

Como observadores podemos tentar fazer um exercício mental de nos inserirmos no debate, pois a posição de observador histórico promove certa distância crítica. Posso ver a todos, Freud, Ricoeur e Monzani desta perspectiva atual, onde tenho privilégio de uma visão das obras globalmente, sem envolvimento temporal ou cronológico. Desta forma, ao ver um Freud completo, nesta atualidade de onde escrevo, posso perceber que ele realmente

nunca abandonou definitivamente seus conceitos, antes os reformulou, guardou alguns temporariamente para depois reapresentá-los em diferentes contextos. Freud transitava com muita propriedade entre estes aspectos com movimentos, que agora, nos parecem coerentes. Com a argumentação acima, talvez pudéssemos conciliar muitas questões com uma terceira hipótese de leitura, aquela que nos permite pensar o movimento necessário para ler as facetas da teoria freudiana não como ambiguidade ou ruptura, mas como aspectos de um mesmo corpo teórico. Estamos sempre falando do mesmo, porém, a partir de diferentes perspectivas. Tudo depende de uma prévia informação que indique qual o modo adotado na análise. Monzani preconiza a ideia de um “trabalho de justificação como preliminar”, e ainda, “um trabalho prévio, antes de pressupor ou indicar o seu modo de leitura tal como fez Ricoeur”. (MONZANI, 1989, p.11 e 17).

O que podemos concluir quanto à proposta de Ricoeur de integração do discurso energético na interpretação é que o melhor exemplo desta possibilidade está nos escritos metapsicológicos de Freud, justamente a aqueles desconsiderados pelos pós-freudianos inspirados em Politzer. Ali há tanto explicações dos mecanismos quanto interpretação do sentido, entretanto o problema para os filósofos está na aceitação do realismo tópico-econômico como sistema “metaforicamente mecânico”, pensado por Freud a partir das suas observações e dados clínicos, que escapam a qualquer agendamento científico, embora empíricos e de certo modo, observáveis, não sujeito a falseabilidade, uma das provas para enquadramento nos requisitos da ciência.

Outro enfoque a ser considerado é que a questão de Ricoeur não está, exatamente, na polêmica histórica entre o *Projeto* e *A Interpretação dos Sonhos*, mas entre *A Interpretação dos Sonhos* e os escritos da metapsicologia, com as descrições mecanicistas do sistema inconsciente. No *Projeto*, Freud descreve uma dinâmica de energias de modo fisicalista de neurônios investidos de força. Nos escritos da metapsicologia a energia que dinamiza o sistema psíquico está investida de ideias. Portanto, a proposta de Ricoeur de integrar a força no sentido é mais apropriada a uma comparação entre *A Interpretação dos Sonhos* e os escritos da metapsicologia.

Entretanto cabe ressaltar, para além das semelhanças e diferenças, o que há entre Monzani e Ricoeur é uma diferença de perspectiva quanto à

psicanálise. Enquanto Monzani faz a leitura de Freud com as lentes de um filósofo da psicanálise, cuja tarefa se volta para a análise dos conceitos com suas relações e articulações internas no corpo teórico, Ricoeur, por sua vez, lê Freud como um hermeneuta visando à possibilidade de tomar um aspecto da psicanálise, aquela capaz de visar um sentido do ser pela interpretação. A abordagem de Monzani não contém, nas suas intenções, uma motivação de cunho específico, enquanto que Ricoeur, ousou pensar, tem uma abordagem operatória cuja intenção é configurar, com a psicanálise, seu conceito de arqueologia do sujeito. Diante deste horizonte as argumentações de ambos correm em modelos paralelos, mas possíveis de analogia.

Não podemos deixar passar em branco que encontramos no texto de Monzani a sua constatação de que “o fato é que, para Ricoeur, parece não ter muita importância às características particulares e específicas do objeto ao qual se aplica determinada leitura” (MONZANI, 1989, p. 23). A posição de Monzani pode nos parecer contrária totalmente a leitura que Ricoeur faz de Freud, quando o critica por este não “levar em conta as características particulares” da psicanálise, mas por outro lado, lendo mais calmamente o texto de Monzani, percebemos que sua posição não é tão absoluta como parece num primeiro momento, como apontou Richard T. Simanke¹⁷, “não devemos nos apressar nas conclusões sobre Monzani, pois no sumário que acrescentou à sua tese quando da publicação em forma de livro, Monzani, de certa maneira, renega a noção de epistemologia sob cuja rubrica tinha colocado todo o trabalho sobre Freud que agora está apresentando ao leitor”. (SIMANKE, 2011, p.29)

Conservei, na introdução, uma série de considerações a respeito da natureza do trabalho que ofereço ao leitor e que rotulo de epistemológico. Confesso que, para mim, hoje, essa é uma questão secundária. Deixei-a apenas como um testemunho de um modismo que fez época. Hoje tenho a tendência a pensar que, se existe uma teoria da leitura como compreensão das articulações de um texto, ela é a mesma nos seus pressupostos gerais e básicos, e pode ser aplicada seja a Descartes, seja a Freud, seja a Laclos ou às Eddas mitológicas ou heroicas. (MONZANI, 1989, p.10)

¹⁷ Texto *A arte da leitura e os efeitos do pensar: uma introdução ao pensamento filosófico de Luiz Roberto Monzani*, do livro *O Movimento de um Pensamento: Ensaio em Homenagem a Luiz Roberto Monzani* (2011)

Este reposicionamento de Monzani nos coloca algumas dúvidas quanto a sua crítica a Ricoeur quanto aos seus argumentos de abandono da energética. Trata-se de um problema essencialmente epistemológico, porque, mesmo que estejamos trabalhando ao nível de uma reflexão sobre o sujeito, a questão mecanicista da energética, permanece, ainda, um problema epistemológico, na elaboração do conceito, que depende de um modo de leitura e interpretação do freudismo.

Voltando a leitura interpretativa de Ricoeur, o problema a ser enfrentado por ele é quanto à linguagem necessária para dizer a energética. Há uma questão hermenêutica a ser considerada neste intento, pois dado a ambiguidade entre as ciências da natureza e as ciências do espírito, põe-se o problema da formalidade metodológica com ressonâncias na linguagem. A psicanálise tanto explica o mecanismo psíquico metaforicamente como um sistema “físico”, escopo no qual está incluído a energética, quanto interpreta os conteúdos do inconsciente na qual se encontra os símbolos, a cultura e a religião, pertencentes ao escopo da interpretação. O sistema repressivo, diz Ricoeur, é o ponto de interseção entre energética e representação, e nos requer um exercício mental para nos movermos nestes modelos diferenciados. Freud não tem problemas com o estatuto de suas articulações conceituais, mas leva o leitor mais atento a se perguntar como se dá a passagem da energética para o simbólico e esta questão se apresenta também para a hermenêutica.

Além de tudo o que foi acima debatido sobre a questão da energética, o termo principal a favor de Ricoeur é, justamente, seu argumento de que o realismo da metapsicologia é o fundamento do movimento do inconsciente, movimento este que promove o deslocamento para consciência dos conteúdos latentes do inconsciente na dinâmica entre recalque e resistência, o que foi alvo de crítica de Politzer:

Verdade é que Freud pensou escapar de muitas objeções e mesmo criar uma teoria muito moderna ao emitir a hipótese do inconsciente dinâmico. Na realidade, isso não passa de mais um equívoco a ser afastado, pois é visível, à primeira vista, que o inconsciente dos psicanalistas só tem de dinâmico o nome, ou melhor, o dinamismo desse inconsciente não pode ter significação psicológica alguma. (POLITZER, 1998, p.152)

O fato é que a proposta de Ricoeur demanda muitos ultrapassamentos, tornando-se uma tarefa de ampla complexidade, tanto de execução quanto de leitura. Ler Freud de modo cerrado e debater-se com o pós-freudianos e suas revisões é uma proposta inquietante e instigante e de difícil articulação, mas que não intimidou Ricoeur, antes o motivou a dedicar sua atenção.

A proposta inicial de Monzani é um olhar epistemológico voltado para a articulação dos conceitos, enquanto que o olhar de Ricoeur é um olhar hermenêutico. Em que consiste essa diferença? Refinando os termos podemos concluir que o trabalho epistemológico consiste, justamente, num primeiro momento, na análise do discurso e na trama dos conceitos, e num segundo momento, uma análise daquilo que o texto traz a luz da reflexão, isto é, a interpretação que o leitor faz do texto. A hermenêutica proposta por Ricoeur inclui e ultrapassa estes dois momentos quando propõe que, ao ler o texto de Freud, a filosofia possa pensar sobre o sujeito e proporcionar uma hermenêutica, nos termos de de uma interpretação e compreensão, estendida a compreensão de si mesmo.

Conforme já mencionamos nos capítulo anterior, sobre as diferenças de abordagem entre os vários autores que tem a obra de Freud como objeto, podemos considerar que a diferença entre Ricoeur e Monzani é justamente o ultrapassamento da reflexão sobre o sujeito para a compreensão de si mesmo, proposta por Ricoeur.

2.2 O realismo da questão econômica

Trabalhamos com a hipótese de que Ricoeur, ao criticar o revisionismo francês, se atribuiu a tarefa de tentar resgatar a energética freudiana para a cena filosófica francesa, indo ao ponto ao qual Freud já havia colocado, ele mesmo, como enigmático, quando afirmou que a pulsão em seu ser biológico é incognoscível, pois ela entra no campo psíquico pelo seu índice de “apresentação” e que, através deste signo psíquico, o corpo é “apresentado” na alma. (RICOEUR, 1977, p. 350). O significado do termo “índice” já nos remete a um sentido quantitativo, neste caso, quantidade de investimento pulsional e,

também, à representação de um estímulo que ocorre antes da censura, para o qual a resistência reluta dar conhecimento. Este é justamente o ponto no qual reside a importância da questão econômica, “há um ponto em que a questão da força e a questão do sentido coincidem: este ponto é aquele em que a pulsão se designa no psiquismo por representações e afetos que a apresentam”. (RICOEUR, 1977, p. 350)

A questão levantada por Ricoeur (1977, p. 351) é que a tópica freudiana exige um realismo do inconsciente e ao mesmo tempo, também, certa realidade dos conceitos de significação. (RICOEUR, 1977, p. 351). Freud se utilizou de metáforas físico-econômicas como modo de fazer uma teoria com resultado das suas observações e juízos, o que nos remete a Kant e aos juízos determinantes da experiência.

Para Ricoeur este realismo mecânico¹⁸, que requer um modo explicativo¹⁹, não seria a queda no naturalismo, mas um modo de explicar e fundamentar o desapossamento da certeza da consciência e, ainda, segundo ele, “a condição hermenêutica é a condição de possibilidade do realismo da tópica.” (RICOEUR, 1977, p. 352). Com isso entendemos que a hermenêutica é o espaço de possibilidade de articulação entre as dimensões psíquicas pela reflexão, sendo inerente a tópica o conceito de necessidade como mecanismo, segundo Ricoeur (1977, p. 353). Politzer, por sua vez, ao contrário de Ricoeur, fazia críticas às descrições realistas e mecanicistas do funcionamento do sistema psíquico porque este modelo, segundo ele, se converte em entidades psíquicas, “transformando os materiais que esclarecem a atitude do sujeito num pequeno drama com esquema mecânico”. (POLITZER, 1998, p. 141) Enquanto Politzer rejeita a energética, Ricoeur a toma para sua proposta de arqueologia do sujeito mediante o desapossamento da consciência, que, para ele, se dá pelo sistema de investimentos e desinvestimento de forças.

Ricoeur mantém um esforço para permanecer duplamente conectado: ser fiel ao freudismo e, em decorrência, preservar a questão econômica da psicanálise. Para entender melhor a função econômica temos que entender o

¹⁸ Politzer afirma que o inconsciente só pode ser provado empiricamente pelo inconsciente dinâmico e que o inconsciente latente só poderá ser revertido por razões “pedagógicas”. (POLITZER, 1998, p. 138)

¹⁹ Refere-se ao debate hermenêutico de Dilthey entre explicar uma teoria e interpretar um texto.

mecanismo de repressão do sistema psíquico, justamente por ser o caminho pelo qual podemos pensar a energética em termos de quantidade de energias investidas.

Ricoeur se fundamenta em Kant, nesta etapa, para argumentar sobre as questões implicadas no realismo da função econômica e os mecanismos do inconsciente e as implicações no sentido, criticando a aparente necessidade de “escolher entre o realismo das instâncias (Ics, Pcs, Cs) e um idealismo do sentido e do sem-sentido.” (RICOEUR, 1977, p. 353).

Kant nos ensinou, a propósito da física, a unir um realismo empírico a um idealismo transcendental; digo transcendental e não subjetivo ou psicológico como seria o caso de uma teoria muito bem intencionada que teria logo feito anular o resultado e o benefício da “tópica”. Mas Kant procedeu a essa junção para as ciências da natureza; resta-nos operá-la para a psicanálise, onde a teoria tem papel constituinte em relação aos fatos que elabora. (RICOEUR, 1977, p. 352)

Posto isto, podemos dizer que a intenção de Ricoeur era manter a energética, não somente como figura teórica, mas, sobretudo como elemento fundamental no desapossamento da consciência para a arqueologia do sujeito. Ricoeur argumenta que a primeira tópica, por somente descritiva, apresentou a Freud um problema epistemológico quanto ao movimento entre as instâncias, justamente por ser apenas descritiva. Assim, é necessário entender o mecanismo da energética no que se refere à repressão, para prosseguirmos analisando a proposta de Ricoeur. Para tal, criamos um subtítulo, conforme abaixo, onde desenvolveremos um raciocínio sobre a proposta ricoeuriana baseada no conhecimento da repressão em Freud.

2.3 Energética: a semântica do desejo

Para melhor esclarecer (justificar) as implicações da questão inicial desta dissertação, no que se refere à proposta de integrar a energética na interpretação, consideramos necessário retomar uma leitura dos textos de Freud sobre o sistema inconsciente, conforme anunciamos anteriormente, cuja dinâmica econômica articula desejo e representação. Esta “revisão” das teorias de Freud, que estamos propondo, tem em vista acompanhar a articulação que Ricoeur denominou semântica do desejo baseada na questão das cargas e

descargas pulsionais, a energética, e na teoria da repressão freudiana. Trata-se de ler Freud para entender Ricoeur, porque a semântica do desejo ricoeuriano, se articula sobre a energética, para a qual a linguagem é a intensidade de forças que passam ou não pelo crivo da censura repressiva, cujo resultado é representado nas vicissitudes das pulsões. Se a proposta de Ricoeur é integrar a força no sentido, a semântica do desejo se torna interesse “porque não é o desejo enquanto tal que se encontra situado no centro da análise, mas sua linguagem”. (RICOEUR, 1977, p. 17). Ricoeur, toma o conceito freudiano de pulsão e nos coloca diante de sua leitura, citando Freud, para afirmar que as vicissitudes das pulsões só podem ser atingidas nas vicissitudes do sentido:

No freudismo, essa semântica do desejo se articula sobre a dinâmica designada pelas noções de descarga, de recalque, de investimento etc., contudo, o que nos importa afirmar, desde o início, é que essa dinâmica – até mesmo essa energética, inclusive essa hidráulica – do desejo e do recalque só se anuncia numa semântica: as “vicissitudes das pulsões”, para retomar a expressão de Freud, só podem ser atingidas nas vicissitudes do sentido.” (RICOEUR, 1977, p. 17)

De todas as funções do aparelho psíquico concebido por Freud, a função repressiva, certamente é a mais central e está como pano de fundo de todo o dinamismo das pulsões do freudismo, portanto, de importância fundamental, também, para Ricoeur na questão do desapossamento da consciência para arqueologia do sujeito, como veremos no item 3.3 *Arqueologia do Sujeito*, desta dissertação.

A seguir, faremos uma leitura direta da teoria de Freud para entender o papel da repressão e as negociações pulsionais do sistema psíquico, com a finalidade de situar o leitor no que nos interessa no desenvolvimento desta dissertação. Assim poderemos constatar as articulações dos conceitos freudianos por Ricoeur, para fundamentar o papel da energética na hermenêutica.

Conforme Freud, não fosse a repressão, os impulsos internos teriam livre passagem, podendo somente sofrer coerção externa.

Uma das vicissitudes que um impulso instintual pode sofrer é encontrar resistências que procuram torna-lo inoperante... em certas condições o impulso passa então para o estado de repressão. Se o que estava em questão era o funcionamento de um estímulo externo, obviamente se deveria adotar a fuga como método apropriado; para o instinto, a fuga não tem qualquer valia, pois o ego não pode escapar de si próprio. (FREUD, 1914/ 1916, p. 151)

A repressão é uma das provas da existência de um inconsciente que funciona como parte de um sistema do aparelho psíquico, cujo conteúdo reprimido tende a irromper nas lacunas da consciência:

A nossa suposição a respeito do inconsciente é necessária e legítima, e que dispomos de numerosas provas de sua existência. Ela é necessária porque os dados da consciência apresentam um número muito grande de lacunas; tanto nas pessoas sadias como nas doentes ocorrem com frequência atos psíquicos que só podem ser explicados pela pressuposição de outros atos, para os quais, não obstante, a consciência não oferece qualquer prova. Estes não só incluem parapraxias e sonhos em pessoas sadias, mas também tudo aquilo que é descrito como um sintoma psíquico ou uma obsessão. (FREUD, 1914/1916 p.172)

Os argumentos de Freud para comprovar a existência de atos psíquicos para além da consciência é que estes possuem características específicas que os constituem e, por questões associativas ou desconhecidas, irrompem nas lacunas deixadas pela consciência. Embora a consciência seja lacunar, permitindo assim os sinais do inconsciente irromper, funciona de modo temporal e lógico, enquanto o inconsciente funciona de modo atemporal e sem uma lógica racional e sem contradições. Os impulsos de natureza pulsional do inconsciente irrompem em condições favoráveis na forma de sintomas e substitutivos, que sofreram transformações no confronto com a censura, na passagem do processo primário para o secundário.

A distinção feita por Freud entre processo primário e processo secundário é contemporânea da descoberta dos processos inconscientes. Está presente desde o *Projeto*, e também no capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos*. Freud definiu dois modos de funcionamento do aparelho psíquico, sendo o primeiro do ponto de vista tópico em que o processo primário caracteriza o sistema inconsciente e o processo secundário caracteriza o sistema pré-consciente/consciente. Do ponto de vista econômico/dinâmico, no

processo primário, a energia psíquica escoar-se livremente, passando sem barreira de uma representação para outra segundo os mecanismos de deslocamento e de condensação. No caso do processo secundário, a energia estaria ligada²⁰ antes de se escoar de forma controlada. Desta forma a satisfação é adiada, permitindo assim experiências mentais que põem à prova os diferentes caminhos possíveis de satisfação.

A partir do estudo dos mecanismos dos sonhos e dos sintomas histéricos, Freud afirmou que o processo primário, através da descarga de excitação, procura estabelecer uma identidade perceptiva com a primeira experiência de satisfação, enquanto que o processo secundário, por um mecanismo indireto, procura estabelecer uma identidade de pensamento com tal experiência de satisfação, isto é, com uma ideia que já não é mais a experiência originária. Os mecanismos que se encontram em ação neste processo de elaboração onírica são o deslocamento e a condensação.

No processo secundário o pensamento visa a "uma catexia idêntica da mesma lembrança, que se espera atingir mais uma vez por intermédio das experiências motoras" (FREUD, 1900, p.28). Para isso, esse processo de pensamento deve deixar de funcionar unicamente sob o princípio do prazer, restringindo até o mínimo possível o desenvolvimento do desprazer produzido pela atividade de pensamento, e "se interessar pelas vias de ligação entre as representações sem se deixar extraviar pelas intensidades dessas representações", que resultaria numa atividade alucinatória (FREUD, 1900, p.628).

No texto *O Inconsciente*, Freud aprimora suas concepções em relação ao sistema psíquico e seus processos. O inconsciente apresenta características especiais, diferentes do sistema consciente. O núcleo do inconsciente é constituído por representantes da pulsão os quais procuram descarregar seu investimento. Os representantes pulsionais operam no inconsciente de forma coordenada e "existem lado a lado sem se influenciarem mutuamente" (FREUD, 1915, p.191), então, as pulsões carregadas de desejos com finalidades distintas não entram em contradição, mantendo-se ativas e procurando uma finalidade intermediária. Isso é possível também porque o

²⁰ Ligada ou catexiada, termos usados para definir um impulso que aderiu a uma ideia.

sistema inconsciente não funciona sob a lógica da verdade, nele não há negação como ocorre no consciente, através do recalque.

As intensidades desses investimentos são bastante variáveis, pois são regidas pelos processos primários de funcionamento, ou seja, o deslocamento de uma ideia para outra e a condensação de várias ideias num só pensamento. Isto é possível, segundo Freud, porque não existe uma temporalidade e tampouco uma ordem cronológica no inconsciente. Os processos psíquicos primários funcionam sob o princípio do prazer, pelo qual a realidade externa cede lugar à economia pulsional, ou seja, à regulação prazer/desprazer.

No sistema consciente/pré-consciente, ao contrário do inconsciente, os processos secundários acontecem de modo temporal estabelecendo censuras e funcionando sob a lei do princípio de realidade. Desta forma, a oposição entre processo primário e processo secundário corresponde à oposição entre os dois modos de circulação da energia psíquica: energia livre e energia ligada, e deve também ser posta em paralelo com a oposição entre princípio de prazer e princípio de realidade, bem como obedece à divisão e às características dos sistemas inconsciente e pré-consciente/consciente.

O conceito de repressão primordial é apresentado por Freud no contexto da teorização sobre a repressão e apresenta uma fundamentação para a repressão secundária. De acordo com Freud a experiência com as neuroses de transferência demonstrou que "a repressão não é um mecanismo de defesa existente desde a origem, que ela não pode nascer antes que se tenha produzido uma separação nítida entre atividade consciente e atividade inconsciente da alma" (FREUD, 1915b, p.249-50).

Assim, o conceito de repressão primitiva surge para explicar o momento em que se opera a divisão entre consciente e inconsciente, ao mesmo tempo fundamenta o processo posterior da repressão secundária. Entretanto, é de se salientar que a natureza de uma pulsão, considerada um conceito fundamental da psicanálise, é buscar sempre a satisfação. Por isso, diz Freud, "a repressão não impede o representante da pulsão de continuar existindo no inconsciente, de continuar a organizar, a formar novas representações derivadas e estabelecer ligações" (FREUD, 1915b p.251). Ao ser mantido fora da consciência, o reprimido passa a ter, no inconsciente, maior liberdade de ação, pela simples razão de que aí não imperam as regras lógicas e morais da vida

consciente, proliferando-se em formações psíquicas derivadas, substitutivas, enfim, emanações produzidas pela força compulsiva do reprimido.

O representante da pulsão se desenvolve de forma abundante e imperturbada quando ele, mediante a repressão, foi retirado da influência consciente. Ele então prolifera, por assim dizer, na escuridão e encontra formas extremas de expressão (FREUD, 1915b, p.251).

Portanto, os derivados do representante pulsional reprimido, as formações inconsciente, são ligações associativas com uma organização própria do sistema, que se encontram na base dos sintomas, sonhos e demais formações psíquicas.

Na análise de Ricoeur o entendimento do inconsciente freudiano fica mais claro nos escritos sobre a Metapsicologia, quando Freud deixa de descrevê-lo como adjetivo subordinado a consciência e passa a pensar o inconsciente como um sistema.

O movimento de pensamento conduz de um conceito descritivo, onde o inconsciente é ainda adjetivo, a um conceito sistemático, onde se tornou substantivo. A perda de seu sentido descritivo é assinalada pela sigla *Ubw* que transcrevemos com *Ics*. Aceder ao ponto de vista tópico é passar do inconsciente adjetivo ao inconsciente substantivo, da qualidade inconsciente ao sistema inconsciente. (RICOEUR, 1989, p.106)

Ricoeur prossegue argumentando que esta guinada na psicanálise requer uma relação de forças. Toda a relação de instâncias do aparelho psíquico se dá em relação à consciência, pois “há a modalidade inconsciente, Freud fala doravante de atos psíquicos inconscientes; em seguida, o devir consciente” (RICOEUR 1977, p.107) como possibilidade, portanto, “a consciência advém no inconsciente” (RICOEUR 1977, p.107). O “mecanismo psíquico” é a relação entre as instâncias Inconsciente, Pré-consciente e Consciente, como observa Ricoeur:

Por sua vez, esse tornar-se consciente tem duas modalidades: segundo seja possível e fácil, falaremos apenas do pré-consciente; segundo seja proibido, “cortado”, falaremos de inconsciente. Temos assim, três instâncias: *Ics*, *Pcs*, *Cs*. Já se pode ver como estão ligadas as considerações energéticas e tópicas: há lugares, porque há relações

de exclusão que são relações de força (resistência, defesa, interdição). (RICOEUR, 1989, p. 107)

Para Ricoeur, “há um ponto em que força e sentido coincidem. Este ponto é aquele onde a pulsão se designa a si mesma, torna-se manifesta, dá-se numa apresentação psíquica, isto é, num algo psíquico que “vale pela” pulsão”. (RICOEUR, 1977, p.117)

O nosso interesse é destacar a dinâmica do inconsciente, isto é, o movimento de investimentos em representações que para Freud é uma operação continua no sujeito psíquico. Esta dinâmica inconsciente está na base da determinação dos sonhos, sintomas, chistes e parapraxias, sendo desconhecida pela consciência.

Com a descrição acima podemos inferir que o sistema inconsciente freudiano, além de ser uma máquina que se faz conhecer pelas instâncias topográfica, dinâmica e econômica, também é capaz de articular a necessidade de prazer com os critérios de uma realidade e o faz de modo interpretativo, e a possível interpretação da economia de cargas e descargas pulsionais só poderá ser interpretada quanto a quantidade de afeto, numa relação de força.

Portanto, a crítica de Monzani, mencionada no capítulo anterior desta dissertação, sobre a proposta de Ricoeur de inserir a energética na interpretação, afinal, não parece proceder. Pois no sistema psíquico, pensado por Freud, a energética (a dinâmica) é fundamental para o movimento entre as instâncias e as “negociações” de ordem econômica entre afeto e representação. Analisando a posição de Ricoeur podemos pensar que, em termos de linguagem, a energética está suprassumida, porém, jamais abandonada, porque é um elemento vital na descrição do sistema repressivo com as forças investidas.

A semântica do desejo para Ricoeur, na sua pré-significação, só poderá ser conhecida por quantidade de afeto numa relação de forças. Quantidade não quantificável que fundamenta toda a teoria da psicanálise. Só é possível integrar a energética na interpretação, para a arqueologia do sujeito, pensando, metaforicamente, em termos de quantidade.

Além dos argumentos acima, quanto à explicação da questão de força e sentido, devemos mencionar a importância do conceito de sobre-determinação,

apresentado por Freud em *A Interpretação dos Sonhos*. Trata-se de um conteúdo representado várias vezes no pensamento do sonho, tanto na forma de condensamento ou deslocamento. Estes, por sua vez, demandam movimentos de intensidade entre as instâncias psíquicas conforme a citação abaixo feita por Ricoeur a partir do texto do próprio Freud:

Mas essa sobredeterminação – que se enuncia na linguagem do sentido – é a contrapartida dos processos que se enunciam na linguagem da força; condensação quer dizer compressão; deslocamento quer dizer transferência de forças; “Somos levados a pensar que, no trabalho do sonho, se manifesta uma força psíquica que, de um lado, despoja de sua intensidade elemento de alto valor do ponto de vista psíquico e que, de outro, cria, em favor da sobredeterminação, com elementos de valor menor, valores novos que penetram, então, no conteúdo do sonho”. (RICOEUR, 1977, p. 87)

É a censura que “aplica” a repressão às representações do desejo, numa relação de força e sentido, demandando entre conteúdos condensados e deslocados, que tendem a se manifestar nas lacunas da consciência. Tais manifestações, por sua vez, são trabalhadas na análise pela interpretação do seu sentido.

Portanto a semântica do desejo, de Ricoeur, requer a compreensão da relação entre força e sentido, bem como também o conhecimento da teoria das pulsões e da repressão em Freud, pois toda a articulação de Ricoeur sobre a questão filosófica do sujeito está fundamentada no desapossamento da consciência, pois o desejo enquanto pré-significante, tem como linguagem a intensidade, não quantificável, de forças que atuam no sistema psíquico.

3 A HERMENÊUTICA RICOEURIANA

3.1 A Hermenêutica da Psicanálise

Afinal, dentre outras possibilidades das muitas hermenêuticas possíveis, para a sua arqueologia do sujeito, porque Ricoeur escolheu a psicanálise? Foi esta pergunta que surgiu no horizonte da minha pesquisa. A primeira constatação é que a psicanálise, no corpo da obra de Ricoeur, nos parece um desvio, impressão também corroborada pelo filósofo hermeneuta canadense Jean Grondin no livro *Paul Ricoeur*²¹. Seguindo as pistas cuidadosamente, nos comentadores, em entrevistas²², livros e especialmente na *Autobiografia Intelectual* (1997) e no prefácio do *Da Interpretação* encontramos a confirmação desta hipótese quando o próprio Ricoeur afirma que chegou a Freud para retomar seu projeto deixado no final do livro *A Simbólica do Mal*. Afirma seu caminho como a retomada do problema deixado em suspenso por alguns anos como “o longo desvio pelo qual retomo com maior empenho o problema deixado em suspenso no fim de *A Simbólica do Mal*, a saber, o da relação entre uma hermenêutica dos símbolos e uma filosofia da reflexão concreta”. (RICOEUR, 1977, p. 12).

Neste livro Ricoeur trata do simbolismo que compõe o campo cultural, no qual o sujeito já nasce imerso, compulsoriamente tributário da culpa do pecado originário. É de interesse de Ricoeur a culpa simbólica herdada pelo sujeito e a censura moral imposta pelos símbolos e mitos. O domínio da compreensão do simbólico é o “domínio sobre qual se entrelaçam, hoje em dia, todas as pesquisas filosóficas: o da linguagem.” (1977, p.15) Continua o texto propondo-se a “explorar certas articulações chaves entre disciplinas que investigam a linguagem” (1977, p.16), entre as quais a psicanálise.

No início do livro *A Simbólica do Mal*, já encontramos prenúncios de uma aproximação de Ricoeur com psicanálise, quando descreve as questões que se apresentam na violação do interdito, que corresponde ao pecado e a

²¹ *Paul Ricoeur*. Loyola. 2015. Ricoeur depois de vários problemas ocorridos na França, tanto pessoais quanto acadêmicos devido a aceitação do *Da Interpretação* pelos lacanianos e problemas estudantis no qual ele fracassou em mediar, foi convidado a lecionar em algumas universidades americanas onde obteve grande sucesso e deixou seguidores.

²² <http://www.fondsriceur.fr>

consequente culpa. Faz uma análise da herança cultural que constituiu, segundo ele, a gênese da moral ocidental. A investigação da falta como pecado nos remete ao entrecruzamento das culturas gregas e judaica numa “relação de proximidade e distância que pertencem inelutavelmente à estrutura da nossa memória cultural” (RICOEUR, 2015, p. 36). Diz Ricoeur que a filosofia nasceu na Grécia cujo fundo de memória provém à questão: $\tau\iota\ \tau\omicron\ \omicron\nu$, o que é o ser? E a proximidade entre ambas as culturas constituiriam um substrato da nossa memória cultural.

Mais precisamente, o encontro da fonte judaica com a origem grega é a interseção fundamental e fundadora da nossa cultura; a fonte judaica é o primeiro “outro” da filosofia, o seu outro mais próximo, o fato abstratamente contingente desse encontro é o próprio destino da nossa existência ocidental. Dado que existimos a partir dele, esse encontro tornou-se necessário, no sentido em que é o pressuposto da nossa realidade incontornável. Eis por que a história da consciência da culpa na Grécia e em Israel será constantemente a nossa referência central: é a nossa origem mais próxima, nessa economia espiritual da distância. (RICOEUR, 2015, p. 36)

Esta proximidade cultural, segundo Ricoeur, contribuiu para a gênese da moral ocidental e pode corresponder a vários tipos de orientação de relação de proximidade, tais como relações laterais e relações retroativas. Estas relações se misturam entre si, tendo que:

As relações de proximidade em extensão são reelaboradas pelas relações retroativas: a nossa memória cultural é incessantemente renovada retroativamente pelas novas descobertas, pelos retornos às fontes, pelas reformas e pelos renascimento que são bem mais que revivalismos do passado, e que constituem, a montante de nós mesmos, aquilo que podemos chamar de neopassado.[...] Deste modo, através de uma ação retroativa a partir da sucessão dos “agoras”, o nosso passado não deixa de mudar de sentido; a apropriação presente do passado não deixa de mudar de sentido; a apropriação presente do passado modifica precisamente aquilo que nos motiva das profundezas do passado. (RICOEUR, 2015, p.28)

Nesta articulação de proximidade Ricoeur faz uma relação entre “mancha” e “pecado”, sendo que a mancha é o que herdamos do pecado que seria o elemento originário, numa relação derivada. Entretanto o tempo nos afasta dos significados simbólicos, abrindo uma distância entre o pecado e a

mancha, o que leva a nossa consciência não reconhecer o repertório simbólico da mancha.

O inventário da mancha surpreende-nos pelas suas lacunas. Não é raro que o mesmo sistema de interdição tenha abundantes prescrições minuciosas em domínios que para nós são eticamente neutros e, simultaneamente, não considere como impuros atos que os códigos semíticos e as legislações gregas nos habituaram a qualificar como maus. (RICOEUR, 2015, p. 43)

Entretanto, o caráter arcaico de algumas interdições, permanece em grau de intensidade na nossa cultura, delimitando a moral dos povos, tal como a interdição sexual. Ricoeur se aproxima de um Freud ainda invisível na sua obra, pois toda a articulação, tecida por Ricoeur, entre mancha e pecado tem uma base autenticamente psicanalista, muito embora seja de religião que esteja tratando. A relação pela qual podemos inferir o interesse de Ricoeur em Freud está, justamente, na relação inconsciente entre o pecado e a culpa e na interessante perspectiva ricoeuriana da atualização moral dos símbolos na passagem histórica do tempo. Outra relação é o ato da confissão pela palavra, no caso religioso o ato de contrição da *mea culpa* do pecador, quando reconhece a violação do interdito; no caso da psicanálise é o reconhecimento dos afetos até então não significados pela consciência. Ambos as situações, confissão e análise, acontecem no campo da linguagem pela palavra, palavra confessional. A necessidade de se aprofundar nas questões concernentes a um sujeito que sofre pelo interdito já prenuncia, na *A Simbólica do Mal*, uma possibilidade de aproximação com a psicanálise, mas é pelo olhar hermenêutico que Ricoeur se propõe articular seus argumentos, isto é, um olhar que interprete não só o homem, mas a relação deste com a cultura na qual este está imerso.

Para tal empreitada se propõe a ler Freud, depois de um longo intervalo da edição de *A Simbólica do Mal*, com a finalidade de retomar as questões deixadas em suspense neste livro. A leitura de Freud, segundo Ricoeur, deverá completar seus estudos sobre os símbolos e seus excessos de significações que “dão o que pensar” (RICOEUR, 2015, p. 365). Seu objetivo é se aproximar de Freud sem intermediários, o que ele anuncia no prefácio do *Da*

Interpretação, onde há claras indicações aos leitores sobre “algumas considerações concernentes ao que pode ou não esperar deste livro” (1977, p.11). É bem claro quando afirma “antes de tudo, este livro versa sobre Freud, e não sobre a psicanálise” (1977, p.11) e prossegue afirmando que “este livro não é um livro de psicologia, mas de filosofia”. “O que me importa é a nova compreensão do homem introduzida por Freud” (1977, p.11). E afirma também a convicção de que “é por ser, de direito, uma interpretação da cultura, que a psicanálise entra em conflito com qualquer outra interpretação global do fenômeno humano”. (RICOEUR, 1989, p.12)

Continua no mesmo prefácio sinalizando a distinção do seu interesse pela sua preocupação filosófica. “Meu problema é o da consistência do discurso freudiano” (RICOEUR, 1977, p.12). As questões que interessam a Ricoeur, segundo ele mesmo expõe, são questões interpretativas. A primeira delas refere-se ao problema epistemológico para o qual faz a pergunta: “o que é interpretar em psicanálise?” (RICOEUR, 1977, p.12). Para a questão reflexiva: “que compreensão nova de si procede desta interpretação, e que “si” trata-se de compreender?” (RICOEUR, 1977, p.12). E também a questão dialética: “seria a interpretação freudiana da cultura exclusiva de qualquer outra?” (RICOEUR, 1977, p.12).

E ainda, sobre a visão ricoeuriana da psicanálise como instrumento possível de reflexão e compreensão, as palavras do autor nos indicam claramente seu posicionamento diante de Freud, no que podemos inferir os limites entre a sua hermenêutica e a psicanálise²³.

Uma meditação sobre a obra de Freud tem o privilégio de revelar seu mais vasto desígnio. Este consistiu não somente em renovar a psiquiatria, mas em reinterpretar a totalidade das produções psíquicas relacionadas com a cultura, do sonho à religião, passando pela arte e pela moral. É a esse título que a psicanálise pertence a cultura moderna. É interpretando a cultura que ela a modifica. É conferindo-lhe um instrumento de reflexão que ela a marca de modo duradouro. (RICOEUR, 1977, p.16)

²³ Os limites entre hermenêutica e psicanálise são inúmeros, mas os principais a serem considerados na nossa hipótese de trabalho são questões de perspectiva e referem-se a quem está exercendo a leitura e a partir do que e para o que se olha a obra de Freud. O claro posicionamento de Ricoeur serve como argumento a nossa interpretação de que Ricoeur tem grande respeito pela obra de Freud “no seu mais vasto designio”, e faz dela um uso operatório, com uma intenção, para resolver a questão deixada no final do livro *A Simbólica do Mal*.

Ricoeur reconhece seus limites por não ser analista e nem analisado, porém toma tal limite como algo favorável quando proporciona um distanciamento crítico para a sua leitura. Mesmo parecendo muito claro na sua proposta, foi severamente criticado por analistas e não analistas, assunto tratado minuciosamente pelo professor Di Matteo.²⁴

Se tomarmos Ricoeur como um hermeneuta interpretando a psicanálise, podemos traçar um caminho justificativo da sua leitura a Freud e assim entendê-lo mais profundamente quanto as suas proposições. Aos afeitos, como eu, em decifrar na obra os rumos do autor, foi necessário buscar indícios das sinalizações como um trabalho preliminar. O olhar, se psicanalítico ou hermenêutico, é que vai nos definir. Parto do princípio de que o olhar ricoeuriano sobre a psicanálise se dá desde um interesse hermenêutico de interpretação do *verbum interius*²⁵, argumento não mencionado por Ricoeur, mas supostamente o “graal” buscado pelos hermeneutas para uma hermenêutica universal até então não alcançada. A hermenêutica ricoeuriana tem a psicanálise, no seu processo analítico, como uma arqueologia do sujeito, um sujeito das vicissitudes submerso no mundo simbólico.

Ricoeur declara que ao ler e interpretar Freud busca compreender a si mesmo, fechando, portanto, o círculo hermenêutico do ler, interpretar, compreender e compreender-se a si mesmo. (RICOEUR, 1977, p.343). Os caminhos de Ricoeur encontraram Freud, pois como Freud, Ricoeur também percorreu os caminhos da cultura e da religião tendo que os símbolos religiosos e míticos são determinantes nos desígnios históricos e morais dos povos e do sujeito. Contudo, as argumentações acima poderão ser tomadas como óbvias. Sim Ricoeur é um hermeneuta! Muito embora pareçam óbvias nem sempre são

²⁴ Artigo *Ressonâncias Freudianas no Século XX*, conforme citamos no capítulo dois desta dissertação.

²⁵ Conceito presente na obra de Platão e Aristóteles, desenvolvido por Santo Agostinho. Jean Grondin escreve no livro *Introdução à Hermenêutica Filosófica* (Unisinos, 1991) que, quando orientando de Gadamer, propôs ao mestre uma questão sobre uma possível hermenêutica universal, a qual Gadamer teria respondido que o foco da possível universalidade estaria no *verbum interius*, isto é na palavra interior da qual tratou Agostinho. Grondin cita as palavras ditas por Gadamer nesta entrevista: “a Universalidade está no interior, no fato de que não se pode dizer tudo. Não é possível expressar tudo o que está na alma, o ‘logos endiáthetos’. Isso me provém de Agostinho, do ‘De Trinitate’. Esta experiência é universal: o ‘actus signatus’ nunca coincide com o ‘actus exercitus’.” (GRONDIN, 1991, p. 20)

tomadas em consideração, pois as críticas a Ricoeur, leitor de Freud²⁶ procedem menos de um olhar hermenêutico do que de um olhar psicanalítico.

O círculo hermenêutico, que se fecha com o compreender-se, é o campo propício para uma arqueologia do sujeito que encontra na psicanálise um modo possível de realização.

3.2 A Psicanálise como uma Hermenêutica

Para compreendermos o olhar de Paul Ricoeur para psicanálise, a ponto de tomá-la como uma hermenêutica, se faz necessário nos aprofundarmos no percurso das suas reflexões. Ricoeur em *A Simbólica do Mal* analisa o excesso de sentido dos símbolos, mitos e metáforas, como o potencial de dizer de forma indireta, aquilo que não é dito de forma direta. Há, por assim dizer, um excesso de sentido nos símbolos como potencial a ser interpretado. Tal interpretação é a possibilidade de compreensão de nós mesmos e do mundo, dentro de uma temporalidade, tendo em vista nossa finitude e historicidade. A hermenêutica ricoeuriana está assentada, sobretudo, na mediação e na reflexão com objetivo final de compreensão, mas não somente uma compreensão da e pela consciência imediata, mas uma compreensão de si capaz de constituir um sujeito no mundo. Para Ricoeur somos existência finita no tempo e para nos compreendermos temos que compreender nossa humanidade vivendo a própria vida no tempo e no mundo, com o mundo e com os outros. A compreensão da nossa existência se dá na mediação dialética entre nós e os outros como seres no e com o mundo.

Para Ricoeur, toda a filosofia é hermenêutica e seu projeto filosófico tem como centro uma antropologia que busca a compreensão do sentido dos símbolos e da ação na temporalidade de uma narrativa. A filosofia hermenêutica de Ricoeur é um projeto de trabalho de interpretação, mediação e apropriação do sentido dos símbolos, da ação e dos textos. Para cumprir esta proposta, a hermenêutica de Ricoeur percorre de forma indireta uma “via longa”, que começa pela linguagem, instrumento do homem para a

²⁶ Idem a nota n.22

compreensão de si mesmo, passa pela reflexão sobre os símbolos até chegar a uma compreensão de si, uma ontologia. A via indireta, ou longa, está posta por Ricoeur em contraposição ao que ele denomina de “via curta”, a via heideggeriana, que situa a linguagem de forma direta como lugar de revelação do ser. A “via longa” é, sobretudo, mediação para a compreensão, posto que para Ricoeur não há compreensão sem mediação, e não há conhecimento imediato e intuitivo. Isto seria um mal da modernidade, ao crer na ilusão do *cogito*. O conhecimento pelas intuições primeiras é um conhecimento apodítico que só pode dizer uma única verdade, a primeira, isto é: eu penso! Segundo Ricoeur, depois desta primeira verdade, todas as outras são resultantes de uma mediação. Toda a compreensão que daí resulta já é reflexão, interpretação e mediação. A interpretação nos leva à descoberta de que a vida, com seus símbolos, mitos e moralidade, já está posta para nós mesmos antes de nos entendermos como seres na existência. Para Ricoeur, o homem é mais que ser, é também possibilidade de ser. A via longa é percorrida pelo sujeito que não tem evidências imediatas de si e que só vem a conhecer-se pelas interpretações, isto é, pela mediação de outro e, sobretudo na reflexão sobre o sentido do símbolo.

Na via longa o símbolo é pensado na linguagem em que este se move, portanto a hermenêutica é o espaço de reflexão também sobre os símbolos primários que se apresentam à consciência. No livro *A Simbólica do Mal*, Ricoeur está em busca da pré-compreensão humana, mais precisamente dos significados originários dos mitos e dos símbolos, que segundo ele, se colocam à interpretação, “pois é na hermenêutica que se liga a doação de sentido pelo símbolo e a iniciativa inteligível da decifração”. (RICOEUR, 1977 p. 365).

O que temos aqui é que entre *A Simbólica do Mal* e o *Da Interpretação* Ricoeur se defrontou com duas hermenêuticas opostas, a hermenêutica da suspeita, tributária de Freud, Marx e Nietzsche e a hermenêutica da restauração do sentido, tributária à fenomenologia da religião, sob o paradigma de uma interpretação cujas significações são intencionais. No seu encontro com a obra de Freud deparou-se com um modelo hermenêutico que o fez pensar sobre a leitura ingênua do sentido, pois “não há hermenêutica geral, não há cânon universal para a exegese, mas teorias separadas e opostas dizendo respeito às regras da interpretação”. (RICOEUR, 1978, p. 32)

Não tenho a intenção, nem tampouco os meios, de tentar uma enumeração completa dos estilos hermenêuticos. Pareceu-me mais esclarecedor partir da mais extrema oposição, da que cria maior tensão na origem da nossa investigação. De um lado, a hermenêutica é concebida como a manifestação e a restauração de um sentido que me é dirigido sob a forma de mensagem, de uma proclamação ou, como por vezes se dizem, de um querigma; do outro ela é concebida como uma desmistificação, como uma redução de ilusões. É desse lado da luta que se situa a psicanálise, pelo menos numa primeira leitura. (RICOEUR, 1977, p. 32-33).

A professora Maria de Jesus Martins da Fonseca²⁷, no artigo *Introdução a Hermenêutica de Paul Ricoeur*, define a hermenêutica ricoeuriana aquiescendo totalmente a própria definição de Ricoeur:

A hermenêutica da apropriação dos sentidos que a própria interpretação nos revela. Apanhado no meio do tempo, porque quando se nasce, nasce-se dentro dum tempo, dentro de uma linguagem, dentro de uma história e de uma tradição, “já posto no ser”, o destino do homem é reencontrar-se da perdição inicial e situar-se no seu tempo, através da interpretação e do conflito de interpretações que o texto, a narração, os símbolos, os sonhos, a arte geram. Interpretações, contudo, sempre abertas a novos sentidos, a novos mundos, porque o texto é sempre abertura a novos mundos e a novas apropriações, a novas possibilidades interpretativas, nunca esgotadas. A própria ontologia não é dissociável da interpretação no jogo e no círculo entre interpretar e ser interpretado, pois todas as interpretações, ainda que conflituosas ou mesmo contraditórias, são igualmente válidas (RICOEUR, 1977: 126-27).

Constatamos assim que o encontro de Paul Ricoeur com os textos de Freud propõe um entendimento de que a psicanálise pode ser considerada também uma hermenêutica. Uma hermenêutica quando proporciona uma reflexão sobre o sujeito e a cultura, e também uma arqueologia do sujeito pela via indireta, que possibilita ao homem “reencontrar-se da perdição inicial” (1977) pela interpretação aberta a novos sentidos, novos mundos, novas apropriações (1977). Com isso a hermenêutica da psicanálise pensada por Ricoeur é um espaço para novas possibilidades e reflexões. Um espaço de liberdade, pela compreensão de um sujeito reflexivo.

²⁷ Professora Adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu, cuja área de pesquisa é a hermenêutica. Portugal tem consistente tradição em hermenêutica e deu uma boa recepção à filosofia ricoeuriana, com tradução e edição de livros e textos, de vários autores de hermenêutica, entre eles Ricoeur, notadamente nas Universidades de Coimbra, Viseu e Porto.

A proposta da psicanálise como uma hermenêutica tem como base o drama da primazia da consciência. Diz Ricoeur que a teoria freudiana do inconsciente põe em dúvida a certeza cartesiana clara e indubitável quando desloca a dúvida do objeto para o sujeito. No entendimento de Ricoeur, o “eu penso” se dá enquanto consciência; entretanto, a consciência, apesar de ser a dimensão para a qual tudo se direciona, mesmo na psicanálise, é uma consciência que não detém a primazia dos sentidos. Os atos inconscientes que irrompem nas lacunas da consciência tem algo a dizer e o dizem de forma indireta, sem as características textuais e temporalmente ordenadas da consciência. Diz de modo indireto e distorcido (deslocado, condensado), por isso há algo a decifrar e interpretar para ser compreendido por uma consciência. Esta é uma “relação exegética que versa sobre relações de sentido entre objetos substituídos e objetos originários (e perdidos) da pulsão”. (RICOEUR, 1977, p. 294). Por ser uma relação de sentido é que a psicanálise entra no mundo da linguagem como uma hermenêutica no conflito das interpretações.

Ricoeur passa a considerar necessária a exegese das significações do mundo e da cultura para que a existência possa ter sentido. O conhecimento do ser e da consciência se dá no aprofundamento da interpretação, passando por vários modelos de interpretação, como a psicanálise na arqueologia do sujeito e, também, pela fenomenologia da religião, com a compreensão do simbolismo arcaico e sagrado. Para tanto, podemos dizer que Ricoeur espera que a filosofia da reflexão arbitre entre estas duas hermenêuticas, no que ele denominou “conflito das interpretações”, que competem no espaço da cultura.

Sendo assim, constatamos que Ricoeur no seu encontro com a psicanálise se depara com a suspeita no modo de interpretar o símbolo que “o leva ao limiar da dificuldade fundamental que comanda o destino da hermenêutica moderna, que não é mais um decalque do que se prendia à definição de símbolo: é própria ao ato de interpretar enquanto tal”. (RICOEUR, 1977, p. 32).

3.3 Arqueologia do Sujeito

A arqueologia do sujeito tem como tarefa a consciência, pois “a consciência é término, não origem”. (RICOEUR, 1978, p. 95). Na marcha regressiva da arqueologia o sujeito revisa e atualiza, pela reflexão, o sentido simbólico de ideias censuradas na barreira repressiva. Com a ideia da consciência como tarefa, esta escavação regressiva ao passado nos apresenta uma finalidade, colocando uma dialética entre o inconsciente e consciência. Não vamos nos ater a esta questão, pois a intensão desta dissertação é demonstrar o papel da energética, como fator explicativo da metapsicologia freudiana, no desapossamento da consciência para uma arqueologia do sujeito. A dialética entre arqueologia e teleologia (inconsciente e consciência) é um avanço na proposta ricoeuriana na qual não pretendemos trabalhar neste momento.

A proposta ricoeuriana de uma arqueologia do sujeito tem diferenças com psicanálise, pois enquanto a primeira permanece como espaço para reflexão sobre o sujeito, a segunda está implicada na dimensão do autoconhecimento curativo. Esta diferenciação nos é fundamental, pois evita a confusão crítica que possamos ter nos objetivos do projeto ricoeuriano quanto à psicanálise: “o que nos estimula é a ausência mesma, no freudismo, de qualquer interrogação radical sobre o sujeito do pensamento e da existência. É certo que Freud ignora e recusa toda a problemática do sujeito ordinário”. (RICOEUR, 1977, p. 344). As preocupações de Ricoeur quanto à psicanálise são da ordem das reflexões que a teoria freudiana suscita à filosofia em relação ao conceito de sujeito. Diz Ricoeur (1977, p. 343) que a ideia diretiva que lhe serve de guia “é o lugar filosófico do discurso analítico” e que este lugar “é definido pelo conceito de arqueologia do sujeito”, para o qual afirma:

Este conceito não é um conceito de Freud e não pensamos de forma alguma impô-lo a leitura de Freud ou encontra-lo através de artifícios em sua obra. É um conceito que formo a fim de me compreender a mim mesmo lendo Freud. (RICOEUR, 1977, p.343)

Para Ricoeur é na reflexão e pela reflexão que a psicanálise é uma arqueologia do sujeito, sendo que não há em Freud nenhuma interrogação

radical sobre o sujeito do pensamento e da existência. Entretanto, no desapossamento da consciência na qual se fundamenta a ideia de Ricoeur, há um desenraizamento em nossa própria arqueologia e com este desenraizamento “passamos pelo raciocínio que nos leva ao outro em nós mesmos” (RICOEUR, 1977, p. 366). Assim Ricoeur toma a “técnica psicanalítica” como meio de interpretação do homem, sem, contudo, abandonar as teorias que a fundamentam, fiel ao seu propósito não revisionista das teorias freudianas.

As perspectivas de horizonte é o que diferencia a técnica psicanalítica e a arqueologia do sujeito, pois a preocupação de Ricoeur é deixar bem claro que “seu projeto é unicamente de responsabilidade filosófica e não engaja de forma alguma o psicanalista como tal”. (RICOEUR, 1977, p. 343). A perspectiva ricoeuriana é “elaborar o conceito de arqueologia nos limites de uma filosofia da reflexão”. (RICOEUR, 1977, p. 344). A reflexão filosófica aberta pela obra de Freud se dá no descentramento da consciência, ou seja, “dos focos das significações, do lugar de origem dos sentidos”. (RICOEUR, 1977, p.345). Tal deslocamento em direção ao inconsciente é necessário para que a ilusão da consciência seja superada. Em relação à consciência Freud já nos dizia que a consciência é um sintoma a ser superado.

A arqueologia proposta por Ricoeur pretende abranger uma dimensão mais profunda e enigmática do ser. Esta pretensão esbarra no ponto nevralgico da psicanálise, onde, na marcha regressiva, encontramos ressonâncias do somático e a pré-significação que não se representa pela linguagem, mas pela quantidade de forças investidas. Com isso Ricoeur retoma o resultado da problemática epistemológica do discurso freudiano para o debate filosófico, “para o nível da reflexão filosófica. A questão é saber como o discurso misto da metapsicologia se inscreve em uma filosofia deliberadamente reflexiva”. (RICOEUR, 1977, p. 343). A resposta, segundo ele, nos é dada pelo conceito de arqueologia do sujeito. Deste modo, temos uma tarefa dupla, compreender o conceito de arqueologia do sujeito e também saber o que “deve ser o sujeito da reflexão para ser também o sujeito da psicanálise”. (RICOEUR, 1977, p.343)

O objetivo apontado por Ricoeur, ao responder as questões acima é “dar um lugar filosófico a toda discussão epistemológica anterior e recolocar o paradoxo do método no campo da reflexão”. (RICOEUR, 1977, p. 344) Isto

porque, para Ricoeur “a representação topográfica do aparelho psíquico é inseparável de uma explicação econômica” (RICOEUR, 1977, p. 346), justamente porque o asseguramento da auto regulação do aparelho psíquico está neste sistema de forças e seus investimentos de cargas e descargas de energias. Dar o lugar filosófico a toda discussão epistemológica é uma tarefa necessária, como já notificamos no capítulo três desta dissertação.²⁸ Segundo Ricoeur, a questão está para além da distinção entre método e doutrina:

Esta epistemologia da psicanálise é uma tarefa urgente: não podemos mais contentar-nos, como há vinte anos, em distinguir método e doutrina. Sabemos, agora, que, nas ciências humanas, a teoria não é um acréscimo contingente: é constitutiva do objeto mesmo, é constituinte; o inconsciente, como realidade, não é separável dos modelos tópico, energético, econômico que comandam a teoria. A metapsicologia, para falar como o próprio Freud, é a doutrina, se quisermos, mas a doutrina enquanto torna possível a constituição mesmo do objeto. Aqui doutrina é método. (RICOEUR, 1978, p.88)

Uma vez superada esta questão o discurso tópico/econômico pode ter um sentido de reflexão sobre o inconsciente freudiano. No ensaio sobre o *Inconsciente* Freud nos conduz do ponto de vista descritivo ao ponto de vista tópico econômico, no qual a consciência se torna uma localidade entre outras. Também nos conduz aos representantes da pulsão e seus rebentos na consciência. A reflexão de Ricoeur é de que o desapossamento da consciência primeiramente “se dá do ponto de vista tópico/econômico, onde o lugar do sentido está deslocado da consciência para o inconsciente”. (RICOEUR, 1977, p. 346). Entretanto, este “lugar”, não é uma região, mas uma retomada do sentido pela consciência, pela interpretação dos conteúdos do inconsciente.

Esta alternância de destomada e de retomada é o móvel filosófico de toda a metapsicologia. Se é verdade que a língua do desejo é um discurso que conjuga sentido e força, a reflexão deve, para aceder a essa raiz do desejo, deixar-se desapossar do sentido consciente do discurso e descentrar-se para um outro lugar do sentido. Mas, como o desejo não é acessível senão nos disfarces para onde ele mesmo se desloca, é apenas interpretando os signos do desejo que se pode retomar na reflexão a posição do desejo e assim aumentar a própria reflexão que, finalmente, ganha o que tinha perdido. (RICOEUR, 1977, p. 346).

²⁸ Também notificamos nossa percepção de que o problema epistemológico da leitura de Ricoeur, criticada por Monzani, não estaria entre o *Projeto* e *A Interpretação dos Sonhos*, mas entre esta e os escritos da metapsicologia.

A retomada na reflexão dos signos do desejo é definida por dois trajetos, segundo Ricoeur, “trajeto do conceito descritivo de consciência ao conceito de pulsão e de destino de pulsão, e trajeto do representante de pulsão aos seus rebentos na consciência” (RICOEUR, 1977, p. 347). No primeiro trajeto o inconsciente deixa de ser definido numa relação subordinada à consciência, como uma ausência, e passa a ser o locus das representações. No segundo trajeto há uma destruição da relação com o objeto, pois na suspensão da consciência, o objeto não é mais evidente e claro. Ricoeur toma uma citação do próprio Freud para ratificar os argumentos acima: “o objeto já é apenas uma simples variável do objeto da pulsão”. (RICOEUR, 1977, p. 347). Continua Ricoeur: “essa antifenomenologia aparente talvez seja apenas o grande desvio ao termo do qual o objeto pode ser o guia transcendental, mas por uma reflexão mediatizada, e não por uma consciência imediata”. (RICOEUR, 1977, 347)

Os argumentos acima nos levam entender que a proposta de Ricoeur é tributária da metapsicologia e seu discurso explicativo, como fundamento da arqueologia do sujeito. É uma questão epistemológica, ou melhor, como já afirmamos acima, é o resultado de toda a problemática epistemológica do discurso freudiano, trabalhado na primeira parte do *Da Interpretação*, preparando o campo para desapossamento e retomada da consciência. Prosseguindo com os trajetos acima mencionados, Ricoeur apresenta um terceiro trajeto como consequência dos dois primeiros. Este terceiro caminho nos leva ao narcisismo. “O ego não é mais o sujeito do cógito, mas objeto de desejo”. (RICOEUR, 1977, p. 347). Sendo o ego o próprio objeto de desejo, este negocia os investimentos pulsionais para satisfazer o desejo, um desejo de si mesmo.

Eis-nos obrigados a tratar o próprio ego como o objeto variável da pulsão e a constituir o conceito de pulsão do ego, onde, dizíamos, o ego não é mais o sujeito do Cógito, mas o objeto de desejo; além disso, na economia da libido, os valores de objeto e os valores de sujeito não cessam de se permutar. (RICOEUR, 1977, p. 347)

O narcisismo, na viagem regressiva da arqueologia do sujeito, é o “foco de resistência à verdade”, resistência à desilusão imposta pelo

desapossamento da consciência. Segundo Ricoeur é, justamente, esta resistência que justifica o modelo naturalista do ego com a “tática de desalojamento e de desapossamento dirigida à ilusão da consciência, ela própria enraizada no narcisismo”. (RICOEUR, 1977, p. 349).

Nas palavras de Ricoeur, a desilusão da primazia da consciência impõe uma humilhação ao Cógito, pois “descubro, no âmago mesmo do Ego Cógito, uma pulsão da qual todas as formas derivadas apontam para alguma coisa de inteiramente primitivo, primordial, preliminar, a que Freud chama de narcisismo primário”. (RICOEUR, 1977, p.348)

Eu veria de bom grado na teoria do narcisismo a ponta mais avançada dessa arqueologia tomada a nível pulsional: o narcisismo, parece, não esgota sua significação filosófica nesse papel de obturação ou de ocultação. O narcisismo tem também uma significação temporal: ele é a forma original do desejo a que se volta sempre, é nele que se desfaz toda a libido de objeto; é a ele que retorna toda a energia desinvestida...a escolha objetual traz a marca indelével do narcisismo. (RICOEUR, 1977, p. 361).

A pergunta de Ricoeur no final do capítulo II, do livro III²⁹, intitulado *Arqueologia do Sujeito* contém todas as nossas expectativas: “O que é um existente que tem uma arqueologia”? (RICOEUR, 1977, p. 370). Como resposta, diz ele, “antes de Freud parecia fácil: é um ser que foi criança antes de ser homem”. (RICOEUR, 1977, p. 370). Desta forma, a análise, como marcha regressiva ao desejo primordial de si mesmo tem a função, para a filosofia, de levar a arqueologia até as fronteiras do significante. Porém o que Ricoeur leva em consideração é “uma outra lei que manifesta a vida” na representação porque a intencionalidade da representação pode sofrer interferências e ser distorcida por esta lei. “Com isso se descobre não somente o caráter inultrapassável da vida, mas a interferência do desejo com a intencionalidade”. (RICOEUR, 1977, p. 370). Isto porque, apesar de o narcisismo ser um marcador temporal de uma infância perdida, também é atemporal no sentido de ser uma presença indelével nos rebentos das pulsões e elemento conceitual na fronteira do significante.

²⁹ No livro *Da Interpretação: Um Ensaio Sobre Freud*. (1977)

Porém, nesta arqueologia estamos focados agora, na passagem de um modo a outro, isto é, a passagem da força para o sentido. Ricoeur nos diz que o desejo quer ser dito, como potência de falar, é um conceito no limite da fronteira entre o orgânico e o psíquico. A apresentação pulsional, ainda não é representação, “mas a função de apresentar o corpo na alma já faz dela uma grandeza psíquica, é potência de palavra.” (RICOEUR, 1977, p. 369). Assim voltamos a Freud nos escritos introdutórios do artigo *O Inconsciente*:

Aprendemos com a psicanálise que a essência do processo de repressão não está por fim, em destruir a ideia que representa um instinto, em evitar que se torne consciente. Quando isso acontece, dizemos que a ideia se encontra num estado “inconsciente”, podemos apresentar boas provas para mostrar que, inclusive quando inconsciente, ela pode produzir efeitos, incluindo até mesmo alguns que finalmente atingem a consciência. [...] Como devemos chegar a um conhecimento inconsciente? Certamente, só o conhecemos como algo consciente depois que ele sofreu transformações ou tradução para algo consciente. A cada dia, o trabalho psicanalítico nos mostra que esse tipo de tradução é possível. A fim de que isso aconteça, a pessoa sob análise deve superar certas resistências. (FREUD, 1914, p. 171)

Portanto, analisando a citação acima, e já tendo trabalhado com a questão da “representação do corpo na alma” como intensidade de força, voltamos a nossa atenção a “potência de falar” que sofre, pela resistência, uma censura prévia, produzindo efeitos incompreensíveis. No método psicanalítico o analista será o condutor de uma viagem regressiva até o narcisismo primordial que deverá se iniciar com a destomada da consciência. Uma vez a consciência deslocada da sua primazia, se inicia o percurso de regressão, cujo condutor, na figura do analista, também é o tradutor dos signos que emergem. Em tempo, devemos lembrar que o “traduzir” da análise, além de interpretar os símbolos dando-lhes sentido, significa temporalizar linearmente as representações nos moldes da linguagem da consciência. Assim traduzidos, a simbologia pela qual o inconsciente havia se manifestado, torna-se consciente, naquilo que Ricoeur denomina retomada da consciência. Entretanto, a retomada da consciência não se apresenta tão simplesmente e, Freud bem sabia a complexidade do sistema psíquico, pois o conhecimento de uma determinada representação traduzida não significa, necessariamente, a assimilação pelo paciente da verdade ali revelada.

Em consequência do parágrafo acima surgem três questões que teremos que tratar. A primeira delas refere-se à assimilação e aceitação dos conteúdos reprimidos traduzidos pelo analista. O conceito de denegação foi utilizado por Freud para explicar a não assimilação de alguns conteúdos que surgem na exegese analítica. Conhecer intelectualmente o recalcado não significa que ele seja suprimido. Não basta estar consciente do recalque, porque ainda assim algo permanece negando o que já foi negado, portanto, conforme Freud, o processo de recalçamento não está, com isso, propriamente suspenso. Hyppolite dá um nome, que ele diz “filosófico” ao processo de denegação:

O que me parece profundo; se o psicanalisado aceita, volta à sua denegação, e o recalçamento ainda está ali! Concluo ser preciso dar ao que se produziu um nome filosófico, que é um nome que Freud não pronunciou; é negação da negação. Literalmente, o que aparece aqui é a afirmação intelectual, mas apenas intelectual, enquanto negação da negação. [...] Neste momento, Freud se vê capaz de mostrar como o intelectual e separa (em ato) do afetivo, de formular uma espécie de gênese do julgamento, ou seja, afinal uma gênese do pensamento. (HYPPOLITE, 1989, p. 51)

Não basta, portanto, estar consciente das representações reprimidas, o método psicanalítico demanda outro estágio na sua arqueologia que nos remete a uma teleologia implícita na arqueologia do sujeito: a consciência pela compreensão de si mesmo.

A segunda questão nos é requerida pelo conceito de verdade a ser revelada pelo inconsciente. Trata-se de um assunto extenso sobre o qual vamos nos ater brevemente, segundo os nossos interesses no presente projeto. A verdade revelada pela análise deriva dos conteúdos reprimidos e revelados durante o processo analítico. Ocorre que tais conteúdos são oriundos de fatos, e aqui reside toda complexidade da questão da verdade em psicanálise. Os fatos psíquicos são diferenciados dos fatos da ciência. Os fatos das ciências naturais cumprem os moldes exigidos pelo método científico cuja explicação causal tenha momentos diferenciados do fato, sejam verificáveis, tenham a possibilidade de recurso à lógica, sejam sujeitos a falseabilidade e possam ser generalizados nos termos de uma lei. Os fatos psicanalíticos, diferentemente dos fatos científicos, que se fundamenta na

realidade concreta ou racional, não cumprem os requisitos dos fatos da ciência por ter características próprias. Fatos psíquicos nem sempre são reais, pois, via de regra, podem fazer parte de conteúdos alucinatórios que escaparam aos critérios de qualidade na passagem do processo primário para o secundário. O fato (fator originário) e motivo (fator desencadeante de uma causa) se confundem. Não são verificáveis nem sujeitos a falseabilidade. O fato a ser interpretado nem sempre é tributário de uma realidade, mas sim de um fantasma ou fantasia³⁰.

A terceira questão deriva das duas primeiras. Se nem sempre o sujeito assimila as revelações e se tais revelações são originadas em fatos psíquicos, sem critérios de uma realidade verificável, ou seja, são originados a partir de uma “realidade” alucinatória: qual é a verdade do sujeito da psicanálise e consequentemente da arqueologia? Esta pergunta ficará sem resposta nesta dissertação, mas podemos entender a derivação de Ricoeur, em obras posteriores ao *Da Interpretação*, rumo à linguagem e ao sujeito narrativo.

Finalizando o capítulo *Arqueologia do Sujeito*, no último parágrafo, Ricoeur fecha duas questões importantes para nossos argumentos. A primeira é a remissão a sua *Filosofia da Vontade*, em *O Voluntário e o Involuntário*, anterior ao seu encontro com o freudismo, e certamente o desenvolvimento destes conceitos o levaram para *A Simbólica do Mal* e consequentemente a Freud, conforme sua própria declaração, transcrita no capítulo quatro desta dissertação.

A segunda questão é o ultrapassamento dos conceitos tratados neste ensaio:

O caráter, o inconsciente, a vida, dizia então, são figuras do involuntário absoluto; elas me asseguram que minha liberdade é uma “liberdade somente humana”, isto é, uma liberdade motivada, encarnada, contingente. Coloco-me como já colocado em meu desejo de ser. Essas conclusões, ratifico-as ainda hoje; mas ultrapasso-as num ponto decisivo, o mesmo que provocou toda a investigação deste livro. Um método hermenêutico, unido a uma reflexão, vai muito mais longe do que um método eidético como eu praticava então. (RICOEUR, 1977, p. 370)

³⁰ A notificação sobre este assunto já foi efetuada no capítulo dois desta dissertação.

Este ultrapassamento significa o ir mais a frente em direção a uma hermenêutica que possibilita uma reflexão sobre a posição do desejo, que não é apreendida a partir da experiência imediata, “mas interpretada por uma outra consciência”, portanto mediatizada na e pela reflexão. “O enraizamento da reflexão na vida não é compreendido na consciência reflexiva senão na qualidade de verdade hermenêutica”. (RICOEUR, 1977, p. 371). A verdade hermenêutica é aquela que resulta do arco hermenêutico de reflexão que se inicia com interpretar, passa pelo compreender e finaliza com o compreender-se a si mesmo. Desta forma a liberdade alcança uma amplitude na interpretação dos sonhos, mitos e fantasias que “constituem de alguma maneira o discurso dessa treva muda”. (RICOEUR, 1977, p. 371)

Fica para nós a tarefa de responder, então, quem é o sujeito que cumpre os requisitos de ser o sujeito da psicanálise e o sujeito da reflexão. É o sujeito mediatizado. Mas podemos alongar nossos argumentos ponderando que a mediatização do sujeito se dá por duas vias, ou seja: a primeira é a via da cultura, no exterior de si, na qual já se encontra imerso desde sempre como constituinte e constituído. A segunda via é aquela do seu próprio interior, consigo mesmo, que é constituído por influências desta mesma cultura nos afetos e suas intensidades. Então acrescentamos algo mais ao “sujeito mediatizado” para completar o conceito, as palavras “pela e na reflexão”. Mas não nos parece suficiente, pois falta o termo que referencia a saga humana no mundo: a cultura. Portanto arriscamos a resposta, que não é necessariamente a de Ricoeur, mas inspirada na sua leitura, de que o sujeito que encontramos tanto na hermenêutica quanto na psicanálise é o sujeito da cultura, vivo na força e intensidade dos seus afetos, mediatizado pela e na reflexão, que toma consciência de si mesmo como sujeito na viagem regressiva que escava significantes ocultos à consciência imediata, para, então atualizá-los e torna-los conscientes para uma consciência de si atualizada.

3.4 O possível abandono da energética por Ricoeur

Ricoeur, ao propor integrar as duas ordens do discurso da psicanálise, encontrou no próprio Freud o discurso misto nos escritos da metapsicologia. Também constatou que tal integração, de fato, acontecia mais nos limites do campo analítico do que na teoria ou nos textos. Outro ponto a ser considerado é o papel do analista, como elemento de transferência na cadeia associativa das ideias reprimidas, levando o processo clínico a um patamar privilegiado. Cabe ao analista discernir, através da técnica, os níveis de ligação do pensamento do analisado. O campo analítico produz momentos únicos não traduzidos nos textos ou na teoria.

No livro, *Escritos e Conferências I: em torno da psicanálise* (2010), Busacchi³¹ escreve um artigo³² sobre o percurso do diálogo de Ricoeur com a psicanálise e as dificuldades deste para manter sua posição ao longo do tempo. Segundo Busacchi houve um nítido “deslocamento do polo de interesse: passa-se da teoria psicanalítica à prática analítica – mais largamente à experiência analítica - e um progressivo abandono de certas concepções freudianas” (p.236). Ricoeur, nos seus escritos pós *Da Interpretação*, se aprofunda na ideia de que na experiência analítica haveria mais do que aparece. Sendo assim, diz Busacchi (2010, p. 236), “nos anos 1970 e 1980, Ricoeur passa, efetivamente, da hermenêutica do símbolo à do texto e da narração, em detrimento de um horizonte propriamente físico ou energético”. A dupla epistemologia dividida entre energética e hermenêutica, que tinha a intenção de se opor à redução linguística operada por Lacan, segundo o próprio Ricoeur, nas palavras de Busacchi (2010, p. 236) “podia ser interpretada, quer como um traço de fragilidade epistêmica do freudismo, quer como seu elemento característico insuperável”.

Busacchi cita as palavras de Ricoeur no artigo *A narrativa: seu lugar na psicanálise* (2010, p. 237):

³¹ Professor pesquisador na Universidade de Cagliari e colaborador da cadeira de Hermenêutica da Universidade de Nápoles.

³² *O Desejo, a Identidade, o Outro. A psicanálise em Paul Ricoeur depois do Ensaio sobre Freud.*

Não é mais possível conservar o modelo econômico, eu diria quase energético, do freudismo. É necessário reincorporar o elemento linguístico, o elemento dialógico, o elemento da relação aparência-verdade no imaginário (elemento que se pode dizer platônico) e o elemento narrativo, e coordenar esses quatro elementos para deles fazer a própria base de uma teoria apropriada à experiência, uma hermenêutica.

Com isso os pesquisadores de Ricoeur, depois de um árduo trabalho de estudos das suas obras sobre Freud, herdam um vazio. Porém, outros como Busachi enxergam na sequência das obras de Ricoeur uma continuidade da sua ligação com Freud, apontada pelos comentadores como um deslocamento de interesse das questões epistemológicas, consideradas insuperáveis, para as questões interpretativas.

Entretanto, em favor do não abandono e da incorporação do inconsciente freudiano por Ricoeur, temos que considerar primeiro que o discurso de Freud sempre foi um discurso misto, principalmente na metapsicologia e na descrição das pulsões e do inconsciente. O discurso misto, apesar de ser uma nomeação de Ricoeur para as carências que a filosofia tem na linguagem de aproximação a psicanálise, é um atributo do discurso freudiano. Não há como descrever o sistema inconsciente³³ sem um discurso misto, aquele que explica e interpreta para compreender. Segunda argumentação é que não há um sistema psíquico sem a relação de forças e mobilidade. Abandonar definitivamente o conceito energético é mutilar toda a teoria do inconsciente freudiano e o sistema de força repressivo que censura os conteúdos. Ao alijarmos esta dimensão estaremos mutilando a teoria de Freud.

³³ Tendo como base a diferenciação de Freud entre Sistema Inconsciente e Inconsciente.

*Nunca deixamos de explorar e, ao final da
nossa jornada, retornamos ao ponto de partida sem
reconhecermos a trilha já tão percorrida.*

T.S. Eliot

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De todas as reflexões que podemos fazer sobre a leitura de Ricoeur, o conceito de arqueologia do sujeito é sem dúvida o que mais justifica seu encontro com Freud, diz ele que foi a ideia diretiva que lhe serviu de guia (RICOEUR, 1977, p. 343). Já exploramos nos capítulos anteriores o assunto e aqui precisamos complementar que este conceito de arqueologia, para Ricoeur, vai bem mais além do que um discurso sobre interpretar e compreender Freud ou para articular as suas ideias e conceitos, “é um conceito que formo a fim de me compreender a mim mesmo lendo Freud”. (RICOEUR, 1977, p. 343).

Toda a filosofia dá voltas em torno de alguns temas clássicos e as palavras de Ricoeur “a fim de me compreender” nos remete a sentença mais emblemática de toda a filosofia: “conhece-te a ti mesmo”. Podemos considerar que esta é a tarefa mais árdua legada pelos deuses aos humanos, pois para isso, temos que nos olhar profundamente para percorrer os caminhos do ser, nos revendo no espelho da obscuridade. Este é o primeiro momento, o início do processo da marcha regressiva para a escavação de um sujeito reflexivo, como muito bem demarcou Marguerite Yourcenar (1988): “O nosso verdadeiro lugar de nascimento é aquele em que lançamos pela primeira vez um olhar de inteligência sobre nós próprios”.

O processo de reconhecimento de si, pela arqueologia do sujeito de Ricoeur, requer um trabalho de acesso e interpretação dos sinais enviados lacunarmente de forma distorcida, porque há uma censura interna que os veta na origem. Ricoeur ao fazer a afirmação acima “a fim de compreender a mim mesmo lendo Freud” demarca seu encontro com a psicanálise, pois nela encontra os meios para sua arqueologia do sujeito, visando uma finalidade: conhecer-se a si mesmo a partir de um olhar inteligente. O aviso que nos dá é

pertinente aos limites entre sua arqueologia do sujeito e o freudismo, porque “não há em Freud qualquer interrogação radical sobre o sujeito do pensamento e da existência”, pois “a interpretação reflexiva do freudismo transforma a ideia de reflexão” (RICOEUR, 1977, p. 345) no sentido da relevância do inconsciente implicado neste processo.

Se ele, Ricoeur, encontrou na psicanálise um método, não encontrou uma filosofia da existência ou uma ontologia. O que Ricoeur encontrou em Freud é um conhecimento capaz de suscitar aos filósofos objetos para reflexão acerca da existência e da constituição da ideia de sujeito. Encontrou, também, outra perspectiva capaz de descentrar a fonte do conhecimento, pois este é colocado em suspensão juntamente com uma consciência que perde sua primazia no papel cartesiano que lhe era conferido. Há uma tarefa a ser praticada anterior a validação da consciência, que é o processo arqueológico.

Sendo assim a arqueologia de Ricoeur requer um espaço, não somente para o conhecimento de si, mas, sobretudo, para uma reflexão acerca de um “si” mai abrangente e sua relação no mundo e para o mundo. Esta arqueologia requer um espaço para pensar os fins e os meios pelo qual o ser humano é o que é. Este espaço que se reserva à arqueologia do sujeito é mais amplo que ela mesma porque deve permitir mais do que uma exegese, deve permitir interpretação e reflexão para surgir uma nova compreensão de si e um sujeito. Este espaço é o espaço hermenêutico no qual, pela interpretação, se chega a uma compreensão. Mas, afinal, o que se interpreta e o que se compreende? Interpreta-se o ser por outra perspectiva que não a consciência imediata. Interpretam-se os signos culturais que assombram e censuram o ser que se recolhe. É na articulação entre o que é natural e o que é cultural, pela arte interpretativa, que se compreende a si mesmo e a relação com o mundo. É no espaço hermenêutico que lançamos o primeiro olhar inteligente sobre nós mesmos.

É, portanto, neste espaço que podemos pensar em Freud e no naturalismo que permeia sua obra, principalmente na teoria das pulsões e na metapsicologia. Quando Ricoeur tenta resgatar a questão energética para o mundo acadêmico francês, está colocando o espelho naturalista de Freud a sua frente e se perguntando se o naturalmente humano deve ser realmente esquecido. Sua proposta de integrar a energética na interpretação dos sentidos

tem a missão subjacente de nos fazer pensar sobre as forças as quais somos sujeitos. Então qual seria a linguagem destas forças na interpretação da nossa alma? Tal linguagem, no meu entendimento de Ricoeur lendo Freud, se pronuncia no psiquismo pela intensidade. Isto é pela quantidade de afeto na forma de energias investidas, isto é, pela “hidráulica” (RICOUER, 1977, p. 17) destas forças cujo mecanismo articula desejo e recalque, para escoamento dos estímulos. Freud, diz Ricoeur, nos “convida a procurar no próprio sonho a articulação do desejo e da linguagem” porque “a semântica do desejo só se anuncia nas vicissitudes das pulsões, nos seus rebentos e, estes só podem ser atingidos nas vicissitudes do sentido”. (RICOEUR, 1977, p. 17) A pulsão em sua origem não se representa mediante signos, se representa, ou se “presenta” mediante certa quantidade, uma quantidade metafórica, não quantificável. O realismo da tópica é necessário para descrever o objeto interno, menos cognoscível que o mundo exterior, diz Ricoeur citando as afirmações do próprio Freud. Ricoeur aponta que Freud está pensando em termos kantianos ao “não considerar nossa percepção como idêntica à coisa percebida” (RICOUER, apud FREUD, 1977, p. 355). Toda esta articulação tem a finalidade de justificar o realismo freudiano no sentido de afirmar que “assim como o físico, o psíquico não tem necessidade de ser na realidade tal como nos aparece”. (RICOEUR, 1977, p. 355). O realismo da tópica é um estratagema para autenticar a teoria das pulsões na sua dinâmica entre as instâncias do sistema psíquico.

Toda a questão do realismo está diretamente ligada ao desapossamento da consciência, sem a qual o inconsciente consistiria em algo pertencente ao sistema consciente, portanto numa relação de subordinação. A manobra de Ricoeur tem em vista demonstrar a não primazia da consciência promovida por Freud, que ao elaborar uma segunda tópica para complementar a primeira, cuja característica é descritiva, amplia o conceito de inconsciente para o estatuto de sistema, e este sistema tem características dinâmico/econômicas, na qual seria possível um movimento entre as instâncias; o inconsciente passa a não ser somente mais um atributo de subordinação à consciência. Diz Ricoeur que o desapossamento da consciência imediata é regulado pela construção de um modelo onde a consciência é mais um dos lugares do sistema psíquico, sendo uma instância da tríade Consciência, Pré-consciente, Inconsciente. (RICOUER, 1977, p.346)

O sistema tópico-econômico está ligado ao desapossamento da consciência, porque esta descreve o movimento entre os sistemas e remonta aos representantes da pulsão, e para Ricoeur “a segunda tópica e a energética servem para dissociar a apodididade da reflexão e a evidência da consciência imediata”. (RICOEUR, 1977, p.346). O realismo da tópica modifica o estatuto do inconsciente que deixa de ser simples adjetivo e torna-se, também, parte de um sistema movido por forças que deslocam e desapossam a consciência. A consciência imediata ao ser deslocada também desloca o lugar do sentido da consciência para o inconsciente. O cógito se busca na consciência e a psicanálise se fundamenta no inconsciente, o cógito não pode ser apodítico sem que a consciência seja inadequada. (RICOEUR, 1977, p. 346). Não há psicanálise da consciência, portanto o movimento promovido por forças que deslocam a consciência, descrito pelo realismo da tópica, é um dos fundamentos do freudismo. Entretanto a tópica-econômica deve estar ligada à interpretação para que não se corra o risco de recairmos no erro da consciência imediata, e esta ligação acontece no campo hermenêutico. O campo hermenêutico é o campo de reflexão da arqueologia do sujeito, que na sua escavação, restaura o antigo como novo, restaura o objeto arcaico perdido, rebentos da fantasia inicial. (RICOEUR, 1977, p. 362).

Ainda, quanto à energética, temos que considerar que o debate sobre seu estatuto leva a seguinte reflexão: Freud nos diz que só se conhece a pulsão pelos seus representantes e que a sua natureza biológica é incognoscível. Assim podemos pensar que o discurso energético não é um postulado naturalista em termos biológicos, mas uma linguagem para explicar dados observacionais oriundos do sistema psíquico. Karl Popper (1989) fez a instigante crítica afirmando que a teoria da psicanálise não era testada com base na experiência, mas que os resultados da experiência é que eram interpretados pela teoria. Esta afirmação, de certa forma, tem sua pertinência, pois com ela podemos entender a formação dos conceitos de Freud e, também, a necessidade da linguagem tomada emprestada da física para compor o quadro dinâmico do sistema psíquico por ele observado, o que nos remete ao conceito de monismo anômalo de Donald Davidson, que versa sobre

a relação entre eventos físicos e eventos mentais apresentado no artigo *Mental Events* de 1970.³⁴

Esta reflexão nos leva a pensar que os limites da psicanálise e da arqueologia do sujeito se põe, justamente, nos limites entre incognoscível e a representação e que, ainda, alguém deste ponto, o discurso continua sendo entre força e sentido. O que nos deixa interrogações é quanto ao estatuto de força. Ricoeur, lendo Freud, nos leva a pensar que energética não é exatamente um conceito que remete ao corpo, mas antes parte do sistema psíquico que está no limiar das significações, o limite da arqueologia do sujeito. Podemos pensar, também, que alguém da fronteira limite da arqueologia, seja ela psicanalítica ou hermenêutica, o que podemos encontrar ou é metafísica ou biologia.

Assim, retornamos ao contexto histórico da recepção francesa da psicanálise e o incômodo gerado pela questão naturalista nela implicada. Ricoeur nos diz, de forma contundente, que tudo é linguagem e interpretação, e de acordo com a reflexão acima, considerando os limites da interpretação, até mesmo a questão da força se encontra nos limites da interpretação na forma de intensidade. Esta afirmação pode parecer contraditória a princípio, mas ao analisarmos mais atentamente a proposta ricoeuriana podemos verificar que sua intensão de ler atentamente Freud e resgatar a questão da energética, tem como finalidade pensar a relação de força e sentido para fundamentar o desapossamento da consciência, “ferir o cógito”, diz ele. Para isto seguiu Freud quanto ao movimento entre as instâncias possibilitado pela segunda tópica. Certamente teve críticas da tradição filosófica francesa, arraigada ao

³⁴ Monismo anômalo. Davidson apresenta a sua teoria do monismo anômalo a partir de três premissas aparentemente contraditórias entre si. Estas são: (1) Pelo menos alguns acontecimentos mentais interagem causalmente com acontecimentos físicos. (Princípio de interação causal). (2) Onde houver causalidade deve haver lei, isto é, os acontecimentos ligados através de uma relação de causa e efeito devem obedecer a leis estritas. (Princípio do carácter nomológico da causalidade). (3) Não existem leis deterministas estritas a partir das quais se possam explicar e prever os acontecimentos mentais. (Princípio do anomalismo do mental). Os acontecimentos, ele próprios, não são físicos nem mentais. Aquilo que faz com que um acontecimento seja classificado como físico ou mental é a existência de uma descrição que o descreva como físico ou mental. O que nos permite distinguir então entre uma descrição física e uma descrição mental de um acontecimento? O critério usado para distinguir o mental do físico é a presença ou ausência de termos intencionais nas descrições. A intencionalidade é aquela característica das nossas descrições de estados mentais que faz com que sejam acerca de, ou a propósito de, certos objetos ou estados de coisas. Deste modo, desejos, decisões, crenças, etc., são estados descritos intencionalmente e logo são mentais.

cartesianismo ou ao humanismo que no seu percurso haviam se distanciado da questão da força, não sem inúmeras obras legadas sobre o assunto. O que Ricoeur nos leva a pensar é que o naturalismo de Freud não é um naturalismo tradicional, mas outro modo de ver a natureza humana na sua complexidade em que o psíquico não se enquadra nos termos das ciências conhecidas até então, mas certamente é um corpo de conhecimento que nos traz outros modos de pensar o ser humano, a ciência e o conhecimento.

A Interpretação dos Sonhos demarca mais claramente, aos leitores de Freud, os rumos da psicanálise que se originou das observações do neurólogo que analisava sintomas e passou “para a compreensão, terreno mais fértil da psicanálise” (RICOEUR, 1977, p.83). Freud envolveu o lançamento desta obra num momento paradigmático de mudanças, mudança de séculos, talvez para definir mudanças de perspectivas. Dos sintomas ao sentido dos sintomas.

Penso que a proposta de Ricoeur de integrar a força no sentido, não nos parece um abandono da energética, tal como afirmou Monzani, se pensarmos que a força da qual trata a psicanálise esteve sempre inserida no estatuto do psíquico como o próprio Freud esteve sempre afirmando, e Ricoeur, atento em sua leitura, entendeu precisamente. O biológico, já nos avisou Freud, não é cognoscível. O que Freud anunciou para o novo século no lançamento de *A Interpretação dos Sonhos*, e que Ricoeur nos leva a considerar, é que a psicanálise é uma disciplina da alma como algo possível de ser cognoscível, seja por sua força ou pelo sentido. Estamos, portanto, sempre do lado do psíquico enquanto analisamos a questão, pois na barreira entre o corpo e a alma, o que se ouve são ressonâncias do corpo.

Portanto, se pensarmos desta forma, e Ricoeur nos leva a assim pensar, não é possível abandonar a energética, algo que é intrínseco e central na teoria psicanálise e dos seus conceitos fundamentais, algo inerente ao sujeito. Uma vez superada a velha epistemologia entre método e doutrina que nos remete a questão de naturalismo versus humanismo, podemos pensar no deslocamento do sentido, da consciência para o inconsciente, e assim iniciar a arqueologia que nos levará ao conhecimento de nós mesmos até os limites da pré-significação, onde a intensidade será ressonância.

Quanto à psicanálise como uma hermenêutica, é uma ideia de Ricoeur que nos leva a pensar os limites entre a psicanálise como um método de

arqueologia, cuja finalidade é terapêutica, e a psicanálise como um método de arqueologia para uma reflexão ontológica sobre o sujeito. Se colocarmos o sujeito como um sujeito da cultura, temos que a mediação entre os afetos e as representações culturais é o campo de atuação entre a força e o sentido, campo este que Ricoeur tem como hermenêutico psicanalítico no qual o sujeito e lançar um olhar inteligente sobre si mesmo.

No desenvolvimento desta pesquisa muitas perguntas surgiram, para além do assunto posto em questão. A primeira delas vem de fora, dos meus interlocutores, sobre a importância de Ricoeur na história da psicanálise. Minha reflexão sobre esta pergunta é que a importância de Ricoeur tem muitos aspectos que surgem a cada leitura, a cada linha de pesquisa, que ora se entrelaçam, ora tangenciam a minha pesquisa. Ricoeur desenvolveu uma grande obra que engloba assuntos como filosofia da religião, hermenêutica, fenomenologia, ética, psicanálise e linguagem. Para não fugir do assunto desta pesquisa sobre a questão da energética, concluo que sua importância na cena filosófica francesa foi, justamente, reintroduzir o debate sobre a relação força/sentido, demonstrando a importância do conceito de energética, posto de lado no desenvolvimento da recepção francesa da psicanálise.

Muito embora tenhamos aqui pensado a abordagem de Ricoeur a Freud como sendo uma abordagem operatória, com uma finalidade própria, de modo algum colocamos esta ideia como um juízo de valor desmerecendo Ricoeur ou qualquer dos muitos filósofos que assim também o fizeram. A ideia de uso operatório pode ser definida como uma ação que “opera” dentro de outra, no caso desta dissertação propomos que o conceito de energética freudiano “opera” uma função no conceito de arqueologia do sujeito ricoeuriano.

Não significa, também, que Ricoeur alavancou toda a sua obra sobre o freudismo, ou mesmo que tenha dispensado a psicanálise na sequência das suas pesquisas, pois seu encontro com a psicanálise foi profíquo, mas não é o limite da totalidade de sua obra. Depois do livro *Da Interpretação* Ricoeur segue seu próprio caminho, conforme avaliação de Bento Prado Junior, quando afirmou que a derivação de Ricoeur para a “semântica da ação oferecia instrumentos finos para levar adiante a explicação da semântica do desejo”. (PRADO JR, 1999, p. 18). É possível encontrar em todo o texto de Ricoeur seu posicionamento respeitoso e o reconhecimento que o freudismo é um

conhecimento muito mais amplo que o modelo econômico de que tratamos nesta dissertação, e citamos, mais uma vez, as suas palavras reiterando que ele “não pretende que toda a inteligência do freudismo esteja aí contida”.(RICOEUR, 1977, p. 344). Os caminhos de Ricoeur na sua vida intelectual pós *Da Interpretação*, segue em direção da linguagem e da ação e do sujeito narrativo.

Outra questão que surgiu, também vinda de fora, e se configura subliminarmente como uma crítica, quando parece desproposita ou desnecessária, para alguns freudianos, ler Freud através do olhar de Ricoeur. Afinal Freud fala por si mesmo, não precisa de defensores; e também, Freud não precisa de uma filosofia. Esta questão me leva a concluir que os críticos em geral tem a tendência de estabelecer uma relação de subordinação, permeada por juízos de valor, quando se trata de uma leitura de um autor pelo outro, como neste projeto: *Ricoeur leitor de Freud*. Podemos dizer que nem Freud precisa de uma filosofia, seja ela de Ricoeur ou outro filósofo, nem Ricoeur está subordinado a Freud. É certo que a teoria freudiana suscitou em Ricoeur muitos elementos para suas reflexões no campo da filosofia, assim como, também, em muitos ilustres filósofos ao redor do mundo. Tomar a psicanálise como objeto de estudo não diminui o valor de nenhuma das partes, ao contrário, enaltece tanto o objeto quanto o sujeito da pesquisa e abre novas perspectivas de leitura.

REFERÊNCIAS

BLAMEY, K. **Do Ego ao Si: Um Itinerário Filosófico**. In **A Filosofia de Paul Ricoeur**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

CESAR, C.M. **A Hermenêutica Francesa: Paul Ricoeur**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FONSECA, M.J.M. **A Hermenêutica Introdução de Paul Ricoeur**. Instituto Politécnico de Viseu. Viseu: <https://www.researchgate.net/profile>.

FREUD, S. **Proyecto de Psicología** (1895) In Sigmund Freud Obras Completas, v.I, Tradução de: Jose Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992.

_____ **Estudios sobre la histeria** (1893), In Sigmund Freud Obras Completas, v. II , Tradução de: Jose Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992.

_____ **La Interpretación de los sueños** (1900), In Sigmund Freud Obras Completas, v.IV e V. , Tradução de: Jose Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992.

_____ **Tres ensayos sobre teoría sexual** (1905), In Sigmund Freud Obras Completas, v.VII, Tradução de: Jose Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992.

_____ **Introducción del narcisismo** (1914) In Sigmund Freud Obras Completas, v.XIV, Tradução de: Jose Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992.

_____ **Trabajos sobre metapsicología** (1915), In Sigmund Freud Obras Completas, v.XIV, Tradução de: Jose Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992.

_____ **Pulsiones y destinos de pulsión** (1915), In Sigmund Freud Obras Completas, v.XIV, Tradução de: Jose Luis Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1992.

_____ **La represión** (1915), In Sigmund Freud Obras Completas, v.XIV, Tradução de: Jose Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992.

_____ **Lo inconsciente** (1915), In Sigmund Freud Obras Completas, v.XIV, Tradução de: Jose Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992.

_____ **De la historia de una neurose infantil** (1917), In Sigmund Freud Obras Completas, v.XVII, Tradução de: Jose Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992.

_____ **Más allá del principio de placer** (1920), In Sigmund Freud Obras Completas, v.XVIII, Tradução de: Jose Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992.

_____ **Cinco Lições de Psicanálise. A História do Movimento Psicanalítico. O Futuro de Uma Ilusão. O Mal-Estar na Civilização. Esboço de Psicanálise.** Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____ **A Interpretação dos Sonhos (I) e (II) Volumes IV (1900) e V (1900-1901).** Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____ **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos. Volume XIV (1914-1916).** Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____**Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise. Volume XV (1915-1916).** Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____**Totem e Tabu.** Rio de Janeiro. Imago Editora. 1969

GRONDIN, J. **Paul Ricoeur.** Tradução: Sybil S. Douek. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

_____**Introdução à Hermenêutica Filosófica.** Tradução: Benno Dischinger. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999.

HYPPOLITE, J. **Ensaio de Psicanálise e Filosofia.** Tradução de: André Telles. Rio de Janeiro: Timbre Editores, 1989.

_____**Introdução à Filosofia da História de Hegel.** Rio de Janeiro. Elfos Editora. 1995

KANT, I. **Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza.** Tradução Artur Morão. Lisboa. Edições 70. 1990

LIMONGI, M.I.M.P. **A Pulsão e seu Conceito na Metapsicologia Freudiana.** Dissertação de Mestrado, São Paulo: USP 1994.

MATTEO, V.D. **Cogito hermenêutico e sujeito lacaniano no Ensaio sobre Freud de P. Ricoeur. Capítulo III, Ressonâncias Freudianas no Século XX,** Tese de Doutorado, Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 1999.

MARCUSE, H. **Eros e Civilização.** Rio de Janeiro. Zahar Editores.1975

MONZANI, L.R. **Freud: o movimento de um pensamento.** Campinas: UNICAMP, 1989.

PRADO JUNIOR, B: **Georges Politzer: Sessenta Anos da Crítica aos Fundamentos da Psicologia**, in **Filosofia da Psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

POLITZER, G. **Crítica dos Fundamentos da Psicologia: A psicologia e a psicanálise**. Tradução: Marcos Marcionilo e Yvone M.C.T.da Silva. Piracicaba: UNIMEP. 1998

_____ **Crítica dos Fundamentos da Psicologia**. Tradução: Jardim Conceição e Eduardo Lucio Nogueira. Lisboa: Presença. 1968.

POPPER, K. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix. 1989.

RICOEUR, P. **Da Interpretação: Ensaio sobre Freud**. Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1977.

_____ **O Conflito das Interpretações**. Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1978.

_____ **Paul Ricoeur Autobiografia Intelectual**. Tradução: Patrícia Willson, Buenos Aires:, Ediciones Nueva Visión, 1997

_____ **Escritos e Conferências 1 Em Torno da Psicanálise**. Tradução: Edson Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2010

_____ **A Simbólica do Mal**. Tradução: Hugo Barros e Gonçalo Marcel. Lisboa: Edições 70, 2015.

_____ **Da Metafísica a Moral**. Tradução: Silvia Menezes. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

_____ <http://www.fondsricoeur.fr/fr/pages/articles-et-textes-en-ligne.html>

ROUDINESCO, E. **História da Psicanálise na França: A Batalha dos Cem Anos Volume 2: 1925-1985**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1986.

SIMANKE, R.T. **A arte da leitura e os efeitos do pensar: uma introdução ao pensamento filosófico de Luiz Roberto Monzani**, in **O Movimento de um Pensamento: Ensaio em Homenagem a Luiz Roberto Monzani**. Curitiba: CRV, 2010.

YOURCENAR, M. **Memórias de Adriano**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.